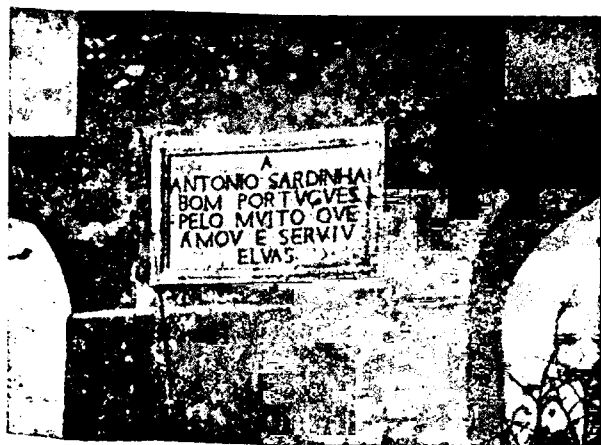


7-8-79  
B.G. 19-8-36

EURICO GAMA

# ANTÓNIO SARDINHA

(Páginas esquecidas e achegas para a sua biografia)



SEPARATA DA REVISTA  
*GIL VICENTE*  
GUIMARÃES  
1 9 7 0



ANTÓNIO SARDINHA

Par a biblioteca de  
prestimon Socidade Martes  
Semente, of.

Sacramento

Marc.  
1970

NOT

*[Faint, illegible handwritten text]*

*[Handwritten signature]*

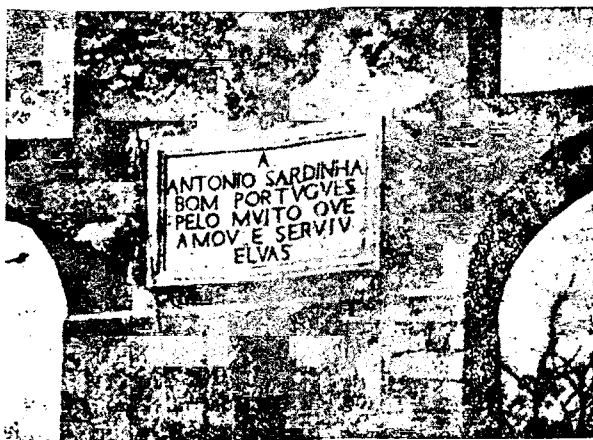
SMS	
PS 17-6-302	R.5083
	2006

EURICO GAMA

Director da Biblioteca Municipal de Elvas

# ANTÓNIO SARDINHA

(Páginas esquecidas e achegas para a sua biografia)



SEPARATA DA REVISTA

*GIL VICENTE*

GUIMARÃES

1 9 7 0

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO  
BIBLIOTECA

## Algumas obras do Autor:

### Série de Estudos Elvenses

- Crónica da viagem da Rainha Dona Mariana Vitória a Madrid em 1777* — Separata da Revista *Ocidente*, Lisboa, 1952. Esgotada.
- Os Pregões de Elvas* — Com desenhos de Francisco Pereira e as músicas de alguns Pregões. — Idem, idem.
- A Santa Casa da Misericórdia de Elvas* — 290 págs. com 24 gravuras. Coimbra, 1955.
- Duas imagens de Nossa Senhora dos Mártires* — Com gravuras. Coimbra, 1955. Esgotado.
- As cortes de Elvas em 1361* — Separata do *Boletim* da Junta de Província do Alto Alentejo. Évora, 1956. Esgotado.
- Troca de Princesas no Caia* — Idem, idem — Esgotado.
- A Família Pousão em Elvas* (Elementos para a biografia do pintor Henrique Pousão) — Separata do *Boletim* da Junta de Província do Alto Alentejo. Évora, 1957. Esgotado.
- Achegas para o 6.º centénario do nascimento do Santo Condestável* — Separata da Revista *Ocidente*. Lisboa, 1960. Esgotado.
- Gil Fernandes, Alcaide-mor de Elvas* — Idem, idem. 1961/1962. Esgotado.
- Catálogo dos Pergaminhos do Arquivo Municipal de Elvas* — 136 págs. com 13 gravuras. Separata do *Boletim* da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1963. Esgotado.
- Cartas de Leite de Vasconcellos a António Tomás Pires* — 327 págs., muito ilustrado. Prefácio e notas. Edição da Faculdade de Letras de Lisboa, 1965.
- Roteiro Antigo de Elvas* — I e II séries. 2 vols. ilustrados. 1963 e 1964. Esgotados.
- A vida quotidiana em Elvas durante o cerco e a Batalha das « Linhas de Elvas »*. 1966.
- Comezainas e Gulodices*. Elvas, 1966. Ilustrado.
- Crónicas de Odiana* — I série. Elvas, 1967. Ilustrado.
- O Senhor Jesus da Piedade de Elvas* — Monografia com 400 págs. e 60 gravuras. Elvas, 1965.

## Exórdio e dedicatória

ESTE trabalho exige uma breve explicação: a ideia de o realizar surgiu-me um tanto inesperadamente, embora há muito tempo tivesse pensado nele. Na verdade, por mais de uma vez no decurso dos últimos anos me assaltou o desejo de escrever um artigo ou artigos, que fossem uma achega para a biografia do saudoso Mestre do Integralismo Lusitano, mas umas vezes por esta razão, outras por aquela, a ideia fugia-me da memória, até que se me varreu de todo, tão ocupado ando sempre numa vida fatigante que mesmo assim nunca aproveito como queria.

Ora aconteceu que, já no ocaso deste Inverno inclemente, tão duro que mal nos deixou adivinhar as proximidades da Primavera, fui obrigado, por doença, a ficar em casa durante alguns dias. Como não sou homem para estar quieto por muito tempo, logo que me senti um pouco melhor entretive-me a examinar a papelada de uma velha gaveta, cheia até cima.

Notas (mas não de Banco!), que se vão acumulando à espera de serem postas em ordem, documentos que se guardam para mais tarde serem analisados, programas de espectáculos e festas, bilhetes à primeira vista sem importância mas que o amor aos papéis nos impede de deitar fora e que afinal nos trazem recordações de momentos felizes, selos num sobrescrito como reminiscências da nossa fugidia paixão filatélica em que aliás nunca passámos da vulgaridade, princípios de artigos que não levámos até ao fim — de tudo encontrámos e tudo nos fez volver uns anos atrás, não sem que uma pontinha emocional nos apertasse de quando em quando o coração e os olhos se embaciassem um pouco, o que é próprio da condição humana.

Entre todas estas *velharias* um saco de papel nos chamou particularmente a atenção não só pelo volume mas porque da parte exterior eu havia escrito, já nem sei quando, estas duas palavras como referência: ANTÓNIO SARDINHA.

Abri-o curioso e foi com alvoroço que comecei a tirar o que estava dentro: fichas, apontamentos diversos sobre a vida do poeta e do ensaísta, cópias de artigos e poemas seus e, o que mais nos interessou: dois retratos da sua mocidade como estudante universitário da gloriosa e histórica Lusa-Atenas.

Não faltavam motivos para uns artigos, só se impunha dar a tudo a necessária arrumação e conseguida esta, para o que nem precisámos de grande trabalho, aqui estamos a dar conta do recado a nós próprios imposto.

Embora tenha a plena consciência de que nada do que apresentamos é novidade para a Ex.<sup>ma</sup> Senhora Dona Ana Júlia Nunes da Silva Sardinha, distinta viúva do poeta do *Tronco reverdecido*, Senhora que muito respeito e com cuja amizade me honro, a seus pés deponho, humildemente, estas singelas recordações de seu saudoso marido, desse admirável pensador de quem foi a «Muito amada» — a única:

«Não há dona de casa mais falada,  
O teu arranjo a voz geral o aclama.  
São mais prendadas essas mãos de fada,  
a toda a parte chega a sua fama.  
. . . . .

— Que vivas muitos anos na abastança,  
— que vivas com riqueza e com saúde».

(De A Epopeia da Planticie)

## Notas íntimas

*A Fronteira*, semanário republicano regionalista, que se publicava em Elvas sob a direcção do dr. João Camoesas, noticiou assim, em termos lacónicos, o casamento de António Sardinha: «*Consortio — Realizou-se na preterita quarta-feira o enlace matrimonial da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Ana Julia Nunes da Silva com o sr. dr. António Sardinha, de Monforte. Os noivos seguiram nesse mesmo dia para aquela vila*» (N.º 66, de Domingo, 1 de Setembro de 1912).

Dois anos depois, em Dezembro, o casal fixou residência em Lisboa, onde se manteve até 1921, indo então para Elvas e instalando-se na bela e acolhedora Quinta do Bispo, em cujo ambiente sereno o ilustre pensador escreveria o melhor da sua obra.

António Sardinha fez-se cliente da Barbearia de Luís Samuel Gonçalves da Silva, na rua da Carreira, n.º 9-A, e desde o princípio preferiu ser atendido sempre pelo mesmo oficial, de seu nome completo Adamastor Homero de Brito, mas que toda a gente tratava familiarmente só por Homero, talvez em lembrança do famoso poeta da *Iliada* e da *Odisseia!*

A rua da Carreira, que também já foi da «Princesa Dona Amélia» e do «Conde de Cantanhede», liga-se uma boa parte da minha vida, pois nela nasci e nela residí muitos anos. Quando o autor de *Ao princípio era o Verbo* faleceu (10 de Janeiro de 1925) tinha eu apenas 11 anos, mas a sua figura distintá, sempre de monóculo e por vezes de bengala, gravou-se-me indelêvelmente na memória. O Homero é que costumava dizer-me, com bastantes saudades, que o Dr. António Sardinha gostava muito dele e lhe confessava frequentemente, que se voltasse a ter casa na capital o levaria para seu barbeiro privativo.

Fazia a barba todos os dias, e como à terça-feira era o dia de descanso semanal dos barbeiros, o Homero ia servi-lo à Quinta do Bispo, nos arredores da cidade, ali a dois passos do lindo sítio do Senhor Jesus da Piedade, centro da maior romaria do sul do país.

— No dia 31 de Dezembro de 1924 o Dr. Sardinha jantou, com sua Mulher, na residência do tio desta, sr. José Nunes da Silva Sobrinho, na rua do Tabolado, n.º 26. Durante a refeição, bem como no decurso do serão, o laureado poeta de *Chuva da tarde* sentiu-se ligeiramente indisposto, mas nada fazia prever qualquer coisa de grave.

Às 0 horas e 30 minutos, já, portanto, no dia primeiro do novo ano, saiu o casal para a sua Quinta, onde, longe estava de o saber, o dr. António Sardinha marcara encontro com a morte às 8 horas e 30 minutos, de Sábado, dia 10, contando apenas 37 anos, mas com uma obra tão admirável que atravessara já há muito os umbrais da história.

A dolorosíssima notícia foi recebida com a maior impressão nos meios cultos do país e da vizinha Espanha, onde, em Madrid, o insigne ensaísta estivera exilado por motivos políticos. O funeral, realizado no dia 11 para o cemitério de Monforte, sua terra natal, constituiu uma das mais emocionantes jornadas de luto para quantos o acompanharam.

## II

### Homenagem da Câmara Municipal de Elvas

No meio dos muitos papéis com que me encontrei, estavam as cópias de algumas actas da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Elvas relacionadas com a colocação da lápide no Aqueduto da Amoreira recordando *ad perpetuam* a memória do ilustre escritor. Como me parece que ainda não foram dadas a público — pelo menos em volume — vou transcrevê-las para aqui, que sempre hão-de ter o seu interesse para a biografia do cintilante autor do *De vita et moribus*.

Do livro n.º 15 extraio da acta n.º 29, de 20 de Outubro de 1925, a fls. 73, a parte que se refere à homenagem a prestar ao que, em vida, fora grande amigo de Elvas: «O sr. *vlce-presidente* (era o sr. Eusébio da Natividade Tierno Nunes da Silva, primo do poeta pela parte da Mulher, o qual estava substituindo o Presidente, dr. José Maria Castelo Correia da Silva) *apresentou o modelo da lápide que deverá ser colocada num painel do Aqueduto da Amoreira, perpetuando a saudosa memória do*

malogrado sr. Doutor António Sardinha, conforme uma deliberação da municipalidade. Disse o senhor presidente, que ia consultar o canteiro Albano sobre se quererá encarregar-se da feitura da lápide e qual o custo da obra. O mesmo sr. vice-presidente propôs e foi aprovado que se mandasse fazer desde já a pedra com o nome do mesmo sr. Doutor Sardinha, para substituir o letreiro de Rua da Feira porque era denominada esta via pública, conforme também foi deliberado pela Câmara». (Esta deliberação não foi por diante, continuando a rua com a mesma e antiga designação).

Como é costume, em Portugal tudo se processa paulatinamente e 27 dias decorridos... prosseguia a discussão do assunto!

Vejamos o que nos diz a acta n.º 31, de 17 de Novembro seguinte, a fls. 85: «Foi presente o projecto e desenho da lápide a colocar no Aqueduto da Amoreira à saudosa memória do Ilustre Dr. António Sardinha, conforme uma resolução do Senado Elvense, dizendo o sr. presidente que, para efectivação daquela deliberação seria incluída no orçamento ordinário da Câmara para 1926, uma verba destinada àquele fim e então se iniciariam os preceitos legais necessários para se efectuar tão justa e sentida homenagem. A propósito o sr. vice-presidente disse que no dia 10 deste mês (mês destinado à comemoração dos nossos queridos mortos), dia aquele, aniversário do falecimento do erudito cidadão e saudoso presidente da Câmara de Elvas, sr. Dr. António Sardinha, havia ido, em piedosa romagem, a Monforte, acompanhado dos seus colegas srs. José Mateus e Lereno Antunes, e que, depois de visitarem a jazida do malogrado ex-presidente do Senado Elvense e grande amigo de Elvas, conquanto não fossem ali numa representação oficial, estiveram na Câmara Municipal daquele concelho dando os seus testemunhos de condolências aos seus colegas edis do mesmo concelho, manifestação que eles muito penhoradamente agradeceram».

Seis meses decorreram, até que, passando das palavras aos factos, foi deliberado abrir concurso para a obra.

Trasladamos da acta n.º 18, de 8 de Junho de 1926, a fls. 189 e seguintes: «Por último, a Comissão deliberou que, por meio de editais, afixados nos lugares públicos do costume, se abrisse concurso, até 13 de Julho próximo futuro, pelas 12 horas, para o fornecimento de uma lápide, em mármore branco, a colocar no Aqueduto da Amoreira, em homenagem ao saudoso Presidente do Senado Elvense, Doutor António Sardinha; e foram neste acto organizadas as condições desse concurso e as do contrato para o fornecimento da indicada lápide, condições que vão em seguida a esta acta.»

**Condições do concurso para o fornecimento de uma lápide, em mármore branco, a colocar no Aqueduto da Amoreira, em homenagem ao saudoso Presidente do Senado Elvense, Doutor António Sardinha :**

1.<sup>a</sup>

As propostas serão feitas em papel selado da taxa de 1\$50 e dirigidas ao Presidente da Comissão Executiva da Câmara em sobrescrito fechado e lacrado, e os concorrentes juntar-lhes-ão o documento comprovativo do depósito, na Tesouraria da Câmara, da quantia de 500\$00 para garantia do cumprimento do contrato ;

2.<sup>a</sup>

Serão abertas no dia 13 de Julho de 1926, em sessão pública da mesma Comissão, e se aparecerem propostas iguais em preços, haverá licitação verbal entre os respectivos concorrentes, fazendo-se a adjudicação pelo menor lanço oferecido.

**Condições para o contrato do fornecimento da referida lápide:**

1.<sup>a</sup>

A lápide será construída em mármore branco alentejano; terá 3<sup>m</sup>,30 de comprimento e 2m de largura; será emoldurada conforme o desenho do projecto, e terá de espessura 0<sup>m</sup>,10, pelo menos;

2.<sup>a</sup>

A lápide terá a seguinte inscrição :

A  
ANTONIO SARDINHA  
BOM PORTVGVÊS  
PELO MVITO QVE  
AMOV E SERVIV  
ELVAS

sendo as letras abertas na pedra em perfeita igualdade com a forma e dimensões dos respectivos desenhos;

3.<sup>a</sup>

Estará feita (a lápide) e será colocada, à custa do Município, sob a direcção do fornecedor, na arcada do Aqueduto da Amoreira, lado do Sul, à direita do arco sobre a estrada municipal que da estrada nacional n.º 70 vai dar à Quinta da Belhó; e à altura que for indicada pela Comissão Executiva da Câmara;

4.<sup>a</sup>

A feitura da lápide e a colocação no lugar determinado serão concluídas no prazo de 90 dias, contados a partir da assinatura do contrato;

5.<sup>a</sup>

O contrato será garantido com o depósito da quantia de 500\$00;

6.<sup>a</sup>

As despesas com o contrato, selos, traslado, papel selado, etc., serão todas à custa do fornecedor;

7.<sup>a</sup>

O pagamento do custo da lápide efectuar-se-á depois de a mesma se achar colocada e de se ter verificado o seu perfeito acabamento e colocação, restituindo-se também ao fornecedor o depósito da garantia do contrato.

Elvas, 8 de Junho de 1926

O Presidente da Comissão Executiva,

a) *Manuel Lopes de Santâna Marques*

\* \* \*

O que aconteceu findo o prazo concedido? É o que vamos ver pela acta n.º 22, de 13 de Junho, a fls. 3: «*Por último o sr. Presidente participou que, tendo terminado hoje, pelas 12 horas, o prazo do concurso aberto para o fornecimento da lápide a colocar no Aqueduto da Amoreira,*

*em homenagem ao saudoso Presidente do Senado de Elvas, Doutor António Sardinha, se constatava pela falta de apresentação de propostas, que esse concurso ficara deserto. Ficou o assunto para ser tratado pela comissão administrativa futura».*

É oportuno esclarecer que, em seguida ao movimento de 28 de Maio, foram dissolvidos os corpos administrativos do país e enquanto não se regularizava legalmente a situação, constituíram-se *comissões administrativas* para dirigir os negócios municipais. Em Elvas ficaram os mesmos elementos, nomeados por alvará do Governo Civil de Portalegre, dando efeito ao Decreto 11 904, de 19 de Julho.

Em 3 de Agosto, deliberou-se então abrir novo concurso nas condições do anterior (acta n.º 2, a fls. 14), e a 31 (acta n.º 6, a fls. 27/29) escrevia-se: *«Em acto consecutivo, e de harmonia com o edital de 5 do presente mês de Agosto, registado a folhas 97 do livro F em exercício, o Presidente comunicou que havendo terminado o prazo do concurso aberto pela segunda vez, apparecera apenas um concorrente: a Sociedade dos Mármoreos de Vila Viçosa, L.da, que se propunha fazê-la pela quantia de 3800\$00.»*

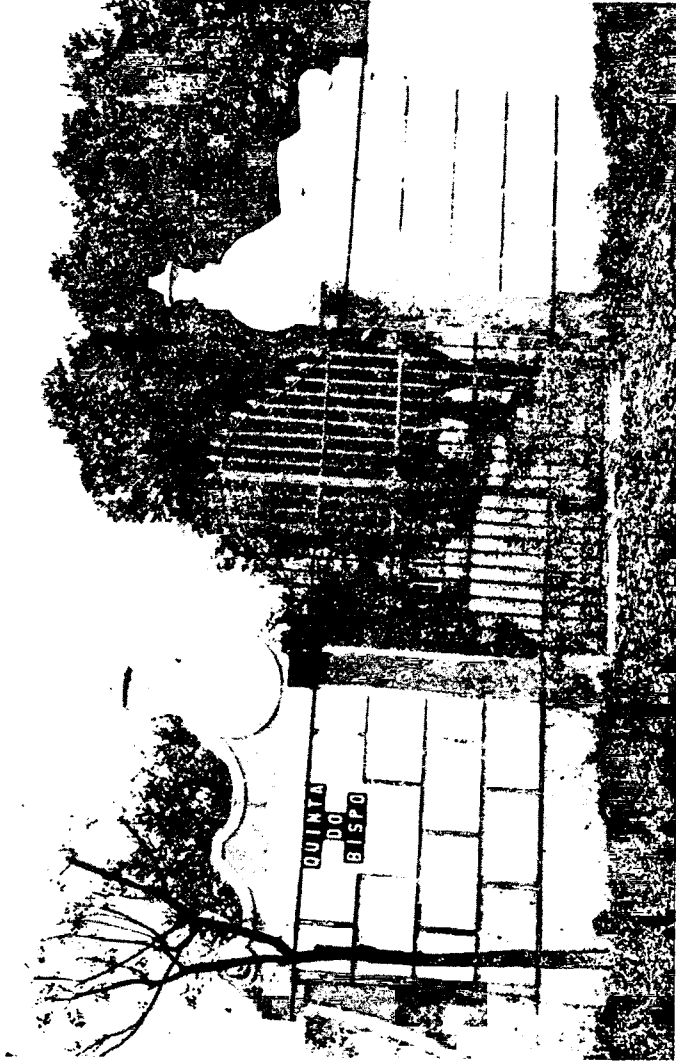
Por curiosa coincidência assinava a proposta, que foi aceite por unanimidade, o Gerente, sr. José Emídio Rosa Amaro, que mais tarde ocuparia o lugar de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Elvas.

Ao fim de quatro meses a obra estava praticamente executada e na voreação de 21 de Dezembro foram lidos dois postais da referida Sociedade, informando que a lápide seguiria para Elvas no dia 26 e convinha iniciarem-se os trabalhos para a sua pronta montagem.

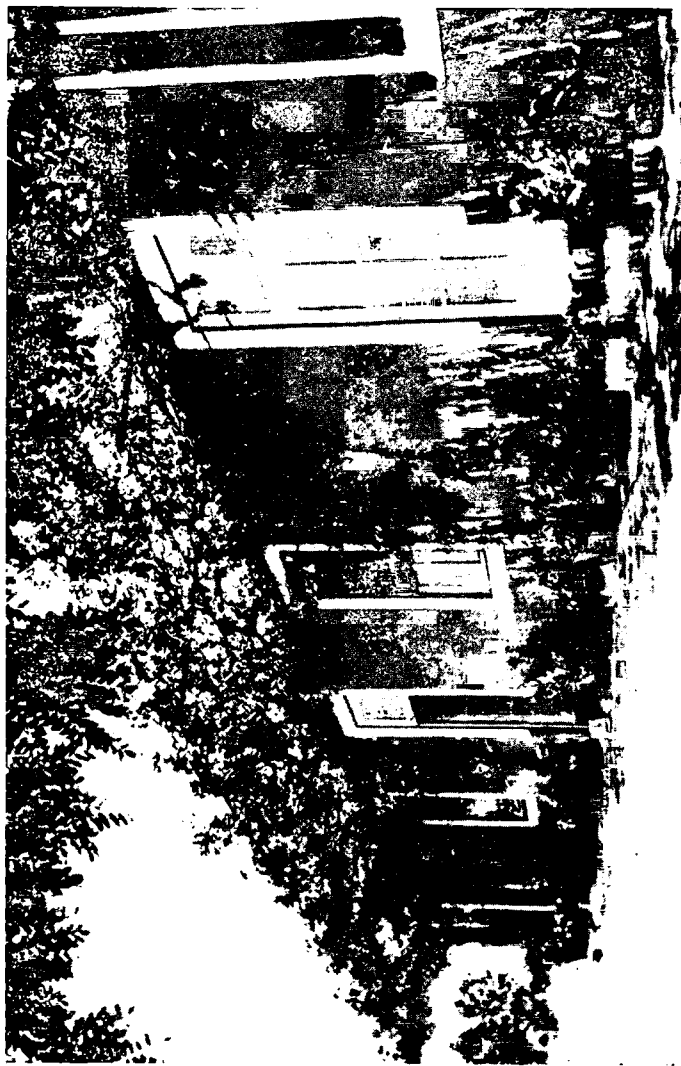
Realmente, tudo assim se fez e no dia 28, o Presidente dava conhecimento à Comissão de que já se estavam colocando no Aqueduto da Amoreira as cantarias da lápide, sendo então nomeados o Vice-presidente, Eusébio Nunes da Silva, e os Vogais, António Picão Caldeira e Pompeu Fausto Corado Caldeira, para representarem a Câmara na cerimónia do descerramento, que se efectuou a 10 de Janeiro de 1927, numa segunda-feira, no segundo aniversário da morte do Poeta.

M. C. publicou no jornal *A Época*, de Lisboa, de 12 de Janeiro de 1927, um minucioso relato dessa comovedora cerimónia, de que nós vamos transcrever uma grande parte.

«Três horas, soalheiras e benignas. Junto ao Aqueduto, perto dos arcos por onde passa a estrada, que vai para Monforte, vão-se reunindo os amigos de António Sardinha.



Entrada da Quinta do Bispo



O bonito exterior da residência da Quinta do Bispo

Na cidade fechou o comércio e uma multidão de gente se vai aglomerando em torno do recinto reservado, contida pelos soldados da guarda.

Chega a Câmara de Elvas em primeiro lugar, logo seguida de deputações das várias colectividades burguesas, associações recreativas, Associação Comercial, Sindicato Agrícola, Montepio Artístico Elvense, Albergue Elvense dos Inválidos do Trabalho, Santa Casa da Misericórdia.

Depois os amigos que de fora vieram: Eugénio de Castro, Afonso Lopes Vieira, Hipólito Raposo, Luís de Almeida Braga, Simeão Pinto de Mesquita, Afonso Lucas, Rodrigues Cavalheiro e Marcelo Caetano. A Junta Escolar de Coimbra do Integralismo Lusitano envia expressamente um representante: Fernando Correia dos Santos. Segue-se o elemento oficial: o dr. Juiz de Direito, o dr. Delegado e logo em grupo chegam os comandantes e oficiais de todas as unidades aquarteladas na cidade, precedidos pelo comandante da praça. Um automóvel traz-nos de Badajoz o alcaide D. António del Solar, com as suas insígnias e condecorações e os catedráticos D. Salvador Nuñez e D. Francisco Coco. Por fim, pouco passava das três, chegou o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo de Évora, acompanhado pelos revs. dr. Lopes Maia e Marques.

A família de António Sardinha está representada por vários parentes entre os quais seu tio e padrinho dr. Laureano Sardinha e seu irmão, tenente Isaías Sardinha.

Momento de indizível comoção foi esse em que se descerrou a lápide do Aqueduto! Lentamente, enquanto a banda de Caçadores 8 chefiada pelo alferes Escoto tocava um motivo heróico cujas sonoridades acordavam dentro de nós num estremecimento doloroso todos os sentimentos que haviam cristalizado na saudade, vai aparecendo a legenda gravada pela mão de um artista plebeu em mármore de Estremoz.

Um silêncio comovido subjugava aquelas centenas de pessoas comunicantes que assistiam a uma das mais belas e gentis consagrações que se têm feito em Portugal.

Fixada nas pedras seculares, presa ao seu destino e à sua história, olhando para a Quinta do Bispo a agradecer toda a paixão que inspiraram as pedras suas irmãs, a lápide grita pela voz das suas grandes letras doiradas o grande amor de António Sardinha à sua terra e aos seus mortos e a esplêndida concepção da vida que o inspirou:

pelo muito que amou e serviu Elvas!

E na firmeza daquelas imperecíveis pedras, pareceu-me ficar bem a memória de alguém cuja lembrança durará enquanto houver portugueses honrados — e cuja alma vive eternamente no seio do Senhor.

Na terra como nos céus está realizado o seu voto.

Ó alma, quando em mim desfaleceres,  
que possas tu transpôr, passar adiante,  
do estreito limiar da carne bruta...

Depois foram os discursos. Discursos breves, cheios de carinho e poderosamente evocativos.

Fala primeiro o sr. Eusébio Tierno Nunes da Silva, presidente da Comissão Administrativa da Câmara de Elvas que tomou a iniciativa da inauguração da lápide.

O sr. Eusébio N. Silva foi, por assim dizer, a alma do empreendimento da Câmara de Elvas, e a ele se deve em grande parte, o brilhantismo da cerimónia. O seu discurso, repassado de sinceridade, foi sóbrio mas profundamente impressionante:

*Meus Senhores — Tenho a honra de fazer parte da Comissão organizada para levar a efeito a homenagem a António Sardinha, e no cumprimento do meu dever, é com toda a saudade que venho prestar o meu preito de admiração por aquele que em vida foi um português de tanto valor e alto merecimento e que à data do seu falecimento era o ilustre Presidente do Senado Municipal de Elvas.*

*Nunca fui orador, não sou, mas ainda que o fosse, neste momento não o saberia ser. E vendo-me ante intelectualidades e oradores consumados certamente S. Ex.<sup>as</sup> dirão muito desse Querido Morto que a todos nós nos deixou uma profunda mágoa.*

*Como elvense, amigo íntimo e companheiro na Câmara daquele cuja lápide estamos inaugurando, presto-lhe o meu preito e a minha eterna saudade.*

*E nada mais posso dizer, porque o meu coração verte sangue pelas amarguras que me atormentam.*

*E, antes de terminar, quero agradecer a V. Ex.<sup>as</sup> a gentileza da sua presença para maior realce da homenagem prestada. Tenho dito.*

Segue-se o alcaide de Badajoz, D. António del Solar. É um orador de raça, quente, vibrante, entusiasta, — mas preciso nas palavras, elegante no recorte das frases e comedido no gesto. Num felicíssimo improvisado saúda a Câmara de Elvas fazendo o elogio do municipalismo

e passa depois a recordar António Sardinha. As suas palavras sentidas e eloquentes tiveram a virtude de nos arrancar as primeiras lágrimas.

D. Salvador Nuñez fala em seguida em nome do «Instituto de Segunda Enseñanza» de Badajoz, onde António Sardinha — diz — era considerado como um dos primeiros mestres, onde estava como em sua casa. O discurso do ilustre catedrático frisa a atitude do autor da «Aliança Peninsular» proferindo interessantes afirmações sobre o assunto, protestando a boa-fé e as rectas intenções dos espanhóis.

Eugénio de Castro, que de Coimbra expressamente veio para assistir a esta homenagem e a quem Sardinha titulou de «Pastor de Rimas & Príncipe coroado de Imagens» lê, como só Eugénio de Castro sabe ler, este maravilhoso soneto de Sardinha:

### Deus na Planície

O espírito de Deus flutua e erra  
por todo este côncavo profundo.  
Assim errava Ele sobre a terra  
Quando pensou na criação do Mundo.

É noite. Aqui não há mar, nem serra.  
Há o infinito, o vago. E cá no fundo  
Minh'alma que se excede e que se aterra,  
Ó Hálito-Supremo em que eu me inundo!

Ó Hálito-Supremo!... É noite escura.  
E o Criador no enlevo em que me alago  
Domina e empolga a Sua criatura.

Sucumbe em mim o bicho vil da terra,  
E como no Princípio sobre o vago  
O espírito de Deus flutua e erra.

Finalmente sobe ao estrado Afonso Lopes Vieira. O sol ia caindo lentamente e já uma aragem passava por sobre as nossas cabeças descobertas. Todos se aproximam mais desejosos de ouvir o alto poeta que foi tão grande amigo de António Sardinha. O silêncio fez-se maior, se é possível, no meio daquelas centenas de pessoas de todas as categorias sociais. E é comovidamente que Afonso Lopes Vieira diz assim:

*Senhor Presidente da Câmara Municipal de Elvas*

*Senhor Arcebispo de Évora*

*Senhores:*

*Em nome do Integralismo Lusitano, em nome de todos os amigos, admiradores e discípulos de António Sardinha, tenho a honra de agra-*

*decer à digna corporação que V. Ex.<sup>a</sup> representa, a homenagem admirável que à memória do nosso amigo aqui se presta.*

*Homenagem admirável, com efeito, esta que envolve para sempre o espírito do homem no espírito da terra, e em que a alma do apóstolo desposa heróicamente a alma da Grei, já fundidas na imortalidade.*

*Nesta hora de emoção sublime, eu creio que o sentimento piedoso e heróico que nos avassala se alarga e vibra nas próprias coisas que nos rodeiam. E que desde os baluartes desta cidade abroquelada e sagrada no esforço da nossa história, desde as estevas da planície às árvores da quinta que avistamos e em cujas vigílias António Sardinha tão magnificamente trabalhou, tudo neste momento se encontra trespassado de palpação espiritual, semelhante à que em nós está vibrando.*

*Senhores, se lá do Além onde a parte divina do seu ser demora, o espírito de António Sardinha nos pode avistar neste momento, o seu ser imortal há-de bem-dizer o instante em que à luz do sol de Portugal o seu nome aparece inscrito sobre as pedras do Aqueduto. E tal contentamento, se acaso existe, não poderá provir de terrena vaidade, antes dimanará da certeza do amor que todos votamos às verdades que ele próprio defendeu, e às esperanças sem fim que tais verdades nos sugerem. É por isso que de entre nós todos, mesquinhos à sombra de este Aqueduto, António Sardinha é o mais «vivo», sagrado como se acha pela suprema verdade da morte, e ressuscitado à flor desta aérea e robusta catedral do civismo português.*

*Também nunca como agora pudemos aquilatar o heroísmo intelectual que o animava, e o tornou, no breve espaço da sua existência neste mundo, um Santo da Inteligência, ardendo no lume consumidor de servir a verdade imortal da nossa Pátria!*

*De todos os portugueses do seu tempo, e com o afã de quem talvez pressentia a morte, em nenhum se acendeu com mais intensa chama a deliberada vontade do patriotismo razoado e consciente. Em nenhum mais do que nele crepitou a fogueira magnífica, já pelejando e abatendo as superstições, já construindo novos alicerces da Pátria, já cantando em seus versos as expressões poéticas da Grei. E para que à singular beleza moral do seu destino nada faltasse, veio a morte consagrar-lhe a alma e a obra arrebatando-o da peleja gloriosa e fazendo-o cair de pé, na elegância da vitória e na força da idade!*

*Senhor Presidente da Câmara: foi toda esta singular beleza moral, que vós-outros, «os homens-bons» de Elvas, quisestes consagrar no dia de*



O escritório do Dr. António Sardinha, vendo-se a mesa onde o ilustre pensador escrevia. Tudo se conserva como em 1925, quando o Mestre faleceu.



«E NA FIRMEZA DAQUELAS IMPERECÍVEIS PEDRAS, PARECEU-ME FICAR BEM A MEMÓRIA DE ALGUÉM CUJA LEMBRANÇA DURARÁ ENQUANTO HOVER PORTUGUESES HONRADOS — E CUJA ALMA VIVE ETERNAMENTE NO SEIO DO SENHOR.»

Marcello Caetano

*hoje, ao modo do antigo espírito municipal português. Assim vos aprouve dar aos municípios de Portugal um exemplo cuja alteza enobrece de nova honra o pendão da vossa cidade, afeito a flutuar ao vento das batalhas e a cobrir as benéficas tradições da terra pastoral e religiosa.*

*Senhores: todos estamos sentindo que a alma heróica e pledosa de Elvas se encontra aqui presente e palpita à nossa volta, para glorificar a memória daquele que a sentiu e amou com mente de historiador e coração de poeta.*

*Ainda por amor da memória cuja consagração agora se efectua, saibamos, pois, colher, nesta hora e à sombra deste monumento, a lição que de ambos se exala para nós. E seja a própria voz de António Sardinha que no-la evoque, quando diz que «nesse Aqueduto dir-se-ia que se simboliza o seu esforço — o esforço de quantos padecem a emigração da sua própria Pátria, para que amanhã, cedo ou tarde, o Portugal-Maior seja possível». Senhores, foi António Sardinha quem agora nos falou: foi ele quem nos ditou o dever do esforço e da esperança no esforço, o dever de servir a «Verdade Portuguesa», o dever sublime de morrer por ela! E o seu nome insculpido nestas pedras, recorda e ordena aos Portugueses aquele mesmo espírito que há três séculos animava e inspirava os homens que construíam o Aqueduto, a fim de que os remotos descendentes vlessem a usufruir os benefícios da sua fé, do seu trabalho, da sua dor, do seu amor!»*

Finda a vibrante oração de Afonso Lopes Vieira, ouvem-se de novo os acordes emocionantes da marcha heróica que nos grava na memória, num arrepio de nervos, a impressão profunda daquela hora. Então todos se dirigem para a Quinta do Bispo, cuja entrada é fronteira à lápide, no intuito de visitar a Biblioteca de Sardinha.

Aí tudo está religiosamente conservado tal como estava há dois anos, tal como ele deixou no último dia de trabalho. Livros, faianças, muitos retratos de amigos, imagens de santos, telas de valor, sobre a mesa edição antiga e usada da «Imitação»... Sentia-se errante o seu espírito e ninguém, por menor que fosse o seu poder evocativo, pôde deixar de o sentir a seu lado, pôde deixar de lhe falar e de lhe dizer uma palavra amiga. Forte personalidade esta que, pela sagração de Deus e por graça da energia, pôde resistir à morte e afrontar os tempos!

Nessa Biblioteca a Senhora Dona Ana Sardinha recebeu os cumprimentos de todas as pessoas de representação que se encontravam junto ao Aqueduto.

Depois, na retirada, houve ainda uma romagem aos sítios mais queridos de Sardinha: o jardim entre as muralhas cheio de laranjeiras garridas — decoração formosíssima que não perturba a sua quietação religiosa — e a capelinha no alto do baluarte.

Mas esta romagem já não a fez o elemento oficial: fizeram-na os seus amigos a quem custava o abandono daquela doce evocação — o fim de aquele espiritual convívio.

Mas a noite caíu... M. C.» (1).

### III

## Um apontamento político

Como se sabe António Sardinha foi, na sua juventude, republicano, mas o seu amor ao estudo e o desejo de perscrutar o âmago dos problemas para os quais o chamava a sua fulgurante inteligência, levaram-no à convicção de andar por caminho errado e não teve dúvidas nenhuma em abraçar as ideias monárquicas, vindo até a ser, com Hipólito Raposo, Luís de Almeida Braga, João do Amaral, Xavier Cordeiro, Alberto de Monsaraz, Simeão Pinto de Mesquita e José Pequito Rebelo, o fundador do INTEGRALISMO LUSITANO.

Lógicamente, os republicanos não levaram a bem a sua deserção, e um pequeno papel esquecido na minha velha gaveta faz-me supôr o que terá havido. É um recorte de *O Mundo*, n.º 3700, de 18 de Fevereiro de 1911, que na secção *Diário de Coimbra*, inseriu a seguinte notícia: «Centro Académico Republicano — *Reuntu em Assembléa Geral. Discutiu-se largamente a expulsão do socio Antonio Maria de Sousa Sardinha (que usa o pseudonymo litterario de Antonio de Monforte). Foi approvada por aclamação a sua permanencia no Centro e resolveu-se dar-lhe uma reparação publica*». O bom senso prevaleceu — e com prazer o registamos em homenagem aos que nessa por certo acalorada reunião se pronunciaram pela razão e pela justiça a um Homem a cuja sinceridade ninguém, de boa fé, podia atirar uma pedra. O capítulo a seguir será mesmo o melhor testemunho para o que dizemos.

---

(1) Estas duas iniciais revestem-se nesta hora de alta importância, pois o jovem e emocionado redactor de então e amigo de António Sardinha, era nada mais nada menos do que o actual Presidente do Conselho, sr. Prof. Doutor Marcello Caetano.

## IV

**António Sardinha Polemista**

Vem a propósito recordar uma polémica que o dr. António Sardinha teve com Teófilo Júnior, colaborador assíduo e redactor-principal de *A Fronteira*, já atrás citada (ver I — Notas Íntimas), e de quem mais tarde se tornaria amigo íntimo.

Teófilo Júnior escrevera que o Integralismo Lusitano era «*uma especie de organização pretensamente intelectual e dirigente*», acrescentando: «*Perfilha o monarchismo alterado de Maurras e Mariotte e alia-se à política «nacionalizadora» do sr. João do Amaral. É de Coimbra a edição da revista que se intitula de filosofia política (o autor referia-se à Nação Portuguesa) e daí todo o espirito eminentemente regressivo que a vitalisa sabido como Coimbra é de há uns tempos a esta parte, desde Teófilo, Antero e outros, inegavelmente o impulsor do regressivismo nacional, graças ao estagnamento miasmático da Universidade que possui, regressivismo que se corporisa no saudosismo artistico que Júlio de Matos autopsiou e no agora recente integralismo lusitano que pede Manuel II no trono choramingando como os pequeninos pedem mama*».

O artigo tinha por titulo: «As antinomias do Integralismo Lusitano» e fora inserto no n.º 154 de *A Fronteira*, com data de 17 de Maio de 1914.

De Monforte, António Sardinha respondeu, mas não o fez para aquele jornal e sim para o *Correio Elvense*, de que era director António José Torres de Carvalho, distinto jornalista, escritor e benemérito editor das obras de António Tomás Pires, e anos passados Bibliotecário Municipal.

*A Fronteira* ficou com certeza agastada com o moço ensaísta monfortense, mas agiu de luva calçada, transcrevendo na íntegra o artigo, ao mesmo tempo que Teófilo Júnior replicava.

Voltemos ao *Correio Elvense*, que ia no seu XXV ano de publicação e se afirmava como um excelente jornal, dos melhores da provincia. No n.º 1576, de 25 de Maio, inseriu o seguinte: «COMMUNICADOS — MEU PREZADO AMIGO: O seu jornal é um jornal de um republicano, mas não negará a um monárquico o espaço bastante para duas ou três palavras.

É que acabo de ver por mero acidente no semanário *A Fronteira* uma longa estirada de prosa em que o autor, o senhor Teófilo Júnior, se ocupa olímpicamente do *Integralismo Lusitano* com referências menos primorosas à minha dignidade cívica. Não me posso deter a examinar

a inconsistência da presumida análise do senhor Teófilo Júnior, que, para salientar nas doutrinas da *Nação Portuguesa* um atabalhoado de opiniões discordantes, se entretêm a coleccionar passagens soltas em que a contradição parece abrigar-se, de facto.

Se o senhor Teófilo Júnior possuísse, porém, uma rudimentar cultura sociológica não confundiria *parlamentarismo* com *representação de interesses*, nem *democracia política* com *organização de classes*. É na embrulhada lamentável de valores reciprocamente inconversíveis que o erro bem intencionado do meu ilustre contendor se firma e se desenvolve em conclusões um pouco precipitadas para quem se preze de ter um espírito esclarecido.

Não maltratarei o senhor Teófilo Júnior. Se com efeito a *verdade regionalista* o apaixonou, como não se cança de declará-lo, tão depressa se varram os baixos prejuízos liberalistas que lhe obliquam o conhecimento, o senhor Teófilo Júnior, posta axiomáticamente a honestidade da sua inteligência, ha-de ser connosco — connosco o encontraremos nas fileiras do *Integralismo Lusitano*. A predição aqui se levanta. E entrementes, como o senhor Teófilo Júnior se escandalisa tanto com o nosso *anti-parlamentarismo* e com o nosso *poder pessoal do Rei*, consinta que eu lhe aconselhe para princípio de conversão *La Nouvelle Liberté*, do presidente Wilson. Aí verá, com grave opróbrio para os papiros da Igualdade, o chefe de Estado de um país republicano combater a mentira parlamentar, inscrevendo-se sem rodeios pela necessidade do poder pessoal.

Também o senhor Teófilo Júnior não tem o direito de nos chamar regressivos. Desde que as doutrinas biológicas de René Quinon esbarandaram a superstição transformista, o senhor Teófilo Junior sabe também como eu que o senso revolucionário da evolução adquiriu um significado oposto, — um significado de «permanência», de «constância». Não há passado, nem presente, nem futuro. O que há são as condições inalteráveis da Vida, tanto biológica, como social, mantendo-se sempre as mesmas. Mais nada! Por outro lado a demopsicologia ensina-nos que as instituições de uma pátria são criação do seu génio, — que é o relativismo que preside á existência dos povos. Ora a nefanda devolução aos negrumes idos, com que o senhor Teófilo Júnior se assusta, não representa da nossa parte senão o reconhecimento desse determinismo histórico, sem o respeito do qual a nossa Raça não atingirá o equilíbrio doutroa.

Eu dou estas explicações ao senhor Teófilo Júnior porque o considero um rapaz de inequívocos méritos intelectuais. Eis o motivo porque,

em abuso manifesto para com a amabilidade do *Correio Elvense*, me ampliarei ainda num reparo. Eu não identifico Littré com Laffitte debaixo do ponto de vista filosófico, embora se reclamem ambos da concepção Conteana. O que eu conjugo são as tendências de ambos para empolgarem o Positivismo em proveito dos preceitos da Revolução, tão ásperamente condenados por Augusto Comte. Leia o magnífico estudo de León de Montesquieu, — *Le système politique de Augusto Comte*, e o senhor Teófilo Júnior precisará então o alcance do meu pensamento.

Uma coisa quero eu por último desbaratar, — e é aquela afirmação do senhor Teófilo Júnior em que me classifica como um *catavento político*. É um desprimor do senhor Teófilo Júnior para uma criatura que não conhece e cujas intenções lhe devem ser respeitáveis. Fui com fé, com entusiasmo, um dos muitos iludidos da República. Mas fui-o por defeito da minha educação mental, enquanto as névoas românticas não cederam à reflexão e à leitura, como há-de acontecer ao senhor Teófilo Júnior. O meu nome anda ligado a um documento colectivo de asseverações democráticas. É o manifesto dos estudantes republicanos de 1908, quando falar em República representava um acto de coragem. Só depois da Monarquia tombada e rejeitando todas as conveniências que os meus antecedentes me garantiam, é que eu vim a estabilizar-me nessas duas grandes verdades sociais que são o Catolicismo e a Monarquia. Lembre-se o senhor Teófilo Júnior que os cataventos mudam sempre conforme o tempo corre. Eu, pelo contrário, abracei-me a ideias momentaneamente vencidas. Tanta e tão profunda era a convicção que me determinava, que por ocasião das eleições suplementares rejeitei por coerência para comigo mesmo a candidatura que expontaneamente e em honrosas circunstâncias um partido da República me ofereceu pelo nosso Círculo. Se é ser-se catavento assim, eu não sei o que seja o senhor Ferreira do Amaral e tantos outros devotos do regime que dantes acendiam velas ao Exilado de Richemond! Faço ao senhor Teófilo Júnior a justiça de não me voltar a ferir com juízos temerários. Discuta comigo, mas nunca pretenda submeter a apreciações menos dignas dos dois o que só no domínio íntimo de cada um se resolve e explica. Isso não seria próprio dum moço tão bem dotado!

Há um livro de Agathon, *Les jeunes gens d'aujourd'hui*, que, rematando, me atrevo a recordar ao senhor Teófilo Júnior. Como começo de cura, o contacto com a aspiração vibrante das novas gerações francesas talvez não deixasse de lhe ser salutar. E termino, não constituindo esta, da minha parte, porta aberta para outras mais.

Com os meus agradecimentos, sou com um forte aperto de mão,  
amigo certo e obrigado

Monforte, s. c., 20-V-914.

*António Sardinha.*»

Teófilo Júnior na sua réplica (*A Fronteira*, n.º 158, de 21 de Junho) manteve os seus pontos de vista, até o de considerar António Sardinha um *catavento político*, o que deixava aberto o caminho para a polémica.

No n.º 163, de 9 de Agosto, lia-se naquele jornal este «suelto»: «Integralismo lusitano» — Publicamos hoje e iremos publicando em série um belo artigo do sr. dr. António Sardinha para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

*«Ao seu autor a quem em particular daremos todas as explicações pelos motivos que demoraram a satisfação do seu desejo, aqui em público apresentamos as nossas desculpas que ele de certo generosamente aceitará.*

*É sempre bem vindo a esta sua casa o sr. dr. António Sardinha e só nos pesa não dispormos sempre da atenção que ele nos merece para condignamente o recebermos.»*

Hesitámos um pouco em incluir aqui o extenso artigo de António Sardinha, resposta ao de Teófilo Júnior, mas acabámos por nos decidir pela sua inclusão não só porque se trata de um magnífico ensaio, mas também porque não o encontramos publicado em nenhuma das obras do insigne escritor.

Tendo vindo a lume num modesto jornal de província, que na época teve a sua projecção no campo político, calculamos que já poucas pessoas terão dele conhecimento, e isso, somado à doutrina que estabelece, acabou por nos animar a transcrevê-lo na íntegra.

### Integralismo Lusitano

#### I

Detesto as bulhas jornalísticas, não me está no feitio esse modo nem sempre digno de combater. Quando se trata então, como no caso presente, de desenvolver um ponto doutrinário de uma certa complexidade, se estreitos são já por natureza os limites em que as necessidades da Imprensa nos constroem o pensamento, volvem-se de todo em todo impossíveis pela intransponível dificuldade de não nos facultarem o

espaço bastante para uma exposição ainda que rápida do princípio que nos guia, da ideia que nos conduz. Toma-se o aspecto parcialmente encarado pelo conjunto submerso na sombra, desvia-se-lhe o sentido em projecções defeituosas, há uma deformação de intúitos e de perspectivas dentro de breve, em vez de um duelo de índole intelectual, nossa desastrosa teimosia de contrários que a nada se rendem, que só porfiam em manter a posição estabelecida, sem atender a razões nem a conveniências.

Eu sei que isto não viria a acontecer nem comigo nem com o senhor Teófilo Júnior.

Eu tenho mão para me suster, o senhor Teófilo Júnior distingue-o sem dúvida o aprumo de seriedade que deve presidir às batalhas da inteligência. Mas de uma maneira ou de outra, reconheço que prolongar em semelhantes termos a contenda que por momentos nos embrulhou traduzia-se, no cabo de contas, num desperdício incalculável de energias, tanto mais que o senhor Teófilo Júnior, avençando-se com o futuro, declara num tom pontifical que fica bem ao seu nome de Teófilo, que não mudou nem nunca mudará!

Em boa linguagem poderá chamar-se à atitude do senhor Teófilo Júnior *firmeza de convicções*. Em psicologia, porém, e na esfera serena dos factos mentais, etiqueta-se unicamente de uma deplorável pontinha de obsessão de sectarismo. Eis porque nunca nos entenderíamos. Por agora, — está de ver. Lá mais tarde o senhor Teófilo Júnior por si, e não pelo braço de ninguém, há-de dar consigo adentro da monarquia tradicionalista e anti-parlamentar. Não quero por via disso forçá-lo a sustentar uma afirmativa que depois, ao soar a hora da conversão, se tornasse em prejuízo empecilhante, porque há infelizmente pessoas com a credence dos conceptualismos antecipados, porfiando em se amostrarem sempre inteirinhos e direitos, tal como no fugitivo instante em que acordaram para um criado que em contumácia mantêm por amor ao amor dos princípios.

Mesmo eu não me afeiço, como já disse, a este sistema de debate. Sem me esquivar a discussões nem a responsabilidades, desloco tão sòmente para terreno diverso o motivo amplíssimo que nos perfila frente a frente. Desde que o senhor Teófilo Júnior me garanta um público respeitador da liberdade de consciência e de opinião, eu estou às suas ordens para uma reunião contraditória. Eu exporei em resumo o que é o *Integralismo lusitano* como síntese de vida nacional. O senhor Teófilo Júnior levanta interrogações, suscita desconfianças. Ou então o senhor Teófilo Júnior desenrola o programa da sua *república patriótica e des-*

*centralizadora*, consentindo que eu lhe assinale a insuficiência construtiva, a ingenuidade ideológica. É o grande meio, — convença-se — com uma assistência bem educada por juiz, nós, vencido ou um ou outro, com o rematarmos de pronto uma briga que não acabaria nunca, se a prolongássemos por forma diversa, aproveitaremos a ocasião para uma propaganda mais ou menos fecunda das *verdades* que nos hajam de reger. A desfeita de um será até um extraordinário reforço para as doutrinas do outro. Postas em contacto duas ideias logo se vê a que sôa a falso. É assim que a *Action Française*, — com licença, senhor Teófilo Júnior! — tem derrotado os democratas cristãos do *Sillon* — é assim que às suas hostes brilhantes todos os dias vem chegando os soldados ainda iludidos do mito revolucionário. Fico, portanto, às ordens do senhor Teófilo Júnior.

\* \* \*

Agora, tanto quanto eu possa, emitirei uns reparos à réplica do senhor Teófilo Júnior. Por uma esquisita geringonça de lógica o senhor Teófilo Júnior conserva-me o qualificativo de *catavento político* com que tão delicadamente me obsequiou. Eu se fosse ao senhor Teófilo Júnior não tocaria mais no assunto para não ser levado, ou a declarar o excesso combativo que, sem sentimento de ofensa, o constrangeu a ser menos primoroso, ou a sustentar, como sustenta, com tristes malabarismos a designação mais que gratuita da sua pena impulsiva.

Porque — com franqueza e fora de todo o melindre — torna-se ridículo para o senhor Teófilo Júnior a insistência com que procura equilibrar-se numa postura derreada, alegando não sei que fervoroso monarquismo da minha distraída adolescência. Quando a lei não me conferia ainda capacidade civil e política, o senhor Teófilo Júnior entende que eu já me achava revestido de opinião responsável que houvesse de respeitar e servir ao largo de uma existência inteira. De nada valiam as aquisições posteriores — o conhecimento experimentado, a reflexão, o estudo. Porque em menino e moço cavalgava uma montada de papelão com um chicotinho de linha a picar-lhe os flancos, de cavalo de papelão e de pingalim de décimetro e meio eu teria que andar, segundo o peregrino critério, as jornadas custosas da vida, Ora pois...

O que eu não sei é como o senhor Teófilo Júnior não subiu além do liceu na devassa em que se estendia acerca dos meus antecedentes públicos. Ser-lhe-ia mais útil dedicar o tempo consumido em tão miúda pesquisa a uma repousada e frutífera leitura do prefácio de Jean e

Izouled à tradução francesa de Wilson, alternando com a notável correspondência de Augusto Comte e Alired Lavadier sobre o convite dirigido pelo pontífice da rua de *Monsieur le-Trime* ao geral dos Jesuítas. Mas estas contas guardam-se para mais logo. E eu agora só penso em fornecer um subsídio inédito à inquirição apertada do senhor Teófilo Júnior. Imagine lá o que eu era já quando andava na escola com o exame das primeiras letras ainda por fazer? Imagine — se é capaz! Nada mais, nada menos, que um entusiástico *progressista!* Suprimira-se-me o concelho com gáudio rendoso para a pátria Arronches que lhe herdou os despojos — e como o José Luciano o restaurara, para mim quem se não intitulasse pelo José Luciano, não o contava no meu conceito de rapazinho como um verdadeiro homem de bem.

Que ventoinha — pois não é assim? Progressista nas bancadas do *a b c*, vagamente monárquico durante a odisseia preparatória, republicano inflamado em Coimbra — e agora atirando para o Absolutismo, com reverências ao senhor D. Miguel e à Força, se não às fogueiras do Santo Ofício — é o cúmulo de versatilidade, da mais estigmatizante das inconstâncias que a rosa dos céus ainda cobriu desde que o mundo foi mundo! Devo de ser uma criatura para recear em negócios — espécie de poisa-loisa que é deste parecer, do outro e de um terceiro, se acaso chegar o tempo para tanto, debaixo do *verdictum* inexorável, oh! como eu me diminuo, amesquinhado, vencido de todo! Como o Paúncio da *Thais*, passo as mãos pelo rosto e sinto, apalpo o horror da minha degradação. Uma coisa me consola, entretanto. É que numa hora de mesa-posta para quantos hajam de se achegar, só os *Talassas* roendo as unhas, é que possuem o direito de me chamar *adesivo*. Ele sempre há cada um! Para que me havia a mim de dar — para estar assim às avesas dos mais?! Sem rodeios — o senhor Teófilo Júnior é mais meu amigo que eu próprio!

## II

Rir-me-ia um pouco com o senhor Teófilo Júnior se não o prezasse pelos seus merecimentos cerebrais e não quisesse, com antecipação, prestar-lhe as honras que se devem a um correligionário de valor. Porque eu insisto em que o senhor Teófilo Júnior, se porventura não pensou *ainda* na sua adesão à monarquia antiparlamentar e orgânica, virá talvez mais depressa de que supõe a defrontar-se com a necessidade de abraçar com a galhardia dos seus vinte anos. Há-de sofrer uma crise dolorosa — atravessar uma dolorosa crise de consciência — por mim o sei.

Mas tão certo como o claro sol que me alumia, desde que o senhor Teófilo Júnior é um espírito de ordem com impreteríveis solicitações de competência e disciplina, acontece-lhe irreparavelmente como à meia dúzia de companheiros que eu vejo para aí a esgotarem-se na tarefa estéril de encher os tonéis das Danaides ou de alimpar as cavalariças de Augias — se o senhor Teófilo Júnior consente que eu encubra com boas citações mitológicas todo o realismo de cloaca que se desenvolve à roda de nós.

Terá o senhor Teófilo Júnior na sua transição definitiva camaradas que o dignifiquem. Já cá está o João do Amaral, que saiu da redacção do *Intransigente* para as colunas do *Integralismo*, — já cá está o meu colega Gustavo Ferreira Borges, conspirador ao que parece nos seus tempos de estudante republicano. Seguir-se-lhe-á tão seguro como a marcha harmónica dos astros, o nosso comum amigo dr. Alfredo Pimenta, que só por um equívoco da sua bela inteligência se pode reputar republicano e que é mais entendido e admirado por nós outros que pela mentalidade rudimentar de arquiparvo do evolucionismo. De resto, verificar as nossas ideias, pesá-las, rectificá-las, destrinçar-lhe o senso oculto, não é coisa que envergonhe. É sempre um acto que nobilita, é como um baptismo que nos redime de uma possível culpa original do nosso pensamento. A maioria dos escritores da *Action Française* — com licença, senhor Teófilo Júnior! — vieram uns, como Georges Valois, da anarquia pura, outros como Jules Lemaitre, da plena mentira democrática. O senhor Teófilo Júnior, que como Teófilo é um homem que sabe tudo, não o ignora certamente. Para que é que se gasta, pois, a asseverar que nunca mudou nem nunca mudará, quando o senhor Teófilo Júnior se um dia — que breve será! — enfileirar connosco, fica sendo o mesmo, inteiramente o mesmo?!

O senhor Teófilo Júnior na generosa intenção de um idealista pretende depurar e hierarquizar a democracia, visto que lhe exige competência e disciplina — não pela democracia em si, pela Democracia como alvo, mas pelo amor da Pátria, manobrando a república como o único meio viável do ressurgimento. É o que me parece em essência a razão de ser das condições republicanas do senhor Teófilo Júnior. Se assim é com efeito, tão cedo se convença de que a Democracia é um fetichismo obscurantista e que depurá-la é animar o louco intento de imprimir a quadratura ao círculo, o senhor Teófilo Júnior, mantendo intactos os seus ditâmes, acha-se com maior naturalidade adentro da monarquia.

Eis o que a mim me aconteceu. No fundo nunca fui republicano, como no fundo o não é o senhor Teófilo Júnior. Apercebera-me de

que o Constitucionalismo causara a ruína da Pátria, não possuía, no entanto, um suficiente grau de cultura que, ajudando-me a vencer os preconceitos dominantes, me conduzisse à plenitude de uma síntese política.

Enredado pela superstição grosseiríssima do Progresso-Indefinido, como qualquer caixeiro-viajante que não creia em Deus, mas creia no Senhor Afonso Costa, no tumulto romântico da minha sensibilidade aceitei de pronto o gregarismo revolucionário como uma solução plausível — convenci-me — ai de mim! — do meu sonho dos vint'anos —, das francas possibilidades municipalistas da república e de tudo o mais de que se fiava o seu acompanhamento de aparato. Mas tão cedo as primeiras falências se evidenciaram, eu entrei a desconfiar de que o galope para o abismo não advinha tanto da imbecilidade lírica do sr. António Zé, — o tal que falou para a História —, das manhas tabeliões do sr. Brito Camacho, das aventuras calabrezas do sr. Afonso Costa, mas antes e principalmente, da própria índole mórbida do regime que, apoiado todo ele no voto, não passaria, em resumo, do agravamento dos males anteriores, — de uma sarabanda contínua de escândalos e ambições desnudando com crua verdade almas baixas de onagros atravessados de tigres.

### III

Perante a bancarrota miserável, oh!, eu não me inscrevi no partido de covarde dos que debitam à conta da incapacidade rácica a queda irremediável da república! Não nos julgueis um povo perdido — um país em coma final. Não! Do desbarato que eu padecera no ilusionismo fácil da minha juventude, eu pude extrair as normas positivas que hoje intensificam a minha existência, atribuindo-lhe sentido e finalidade. Foi como num acto de fé, replecto de vibração e cegueira heróica que eu me alevantei dentre os destroços dessa quimera esvaída.

E se caíra na candidês de ansiar pela república como pelo *Desejado*, não me abandonava agora a contemporizações pueris! — a república era *esta*, nunca seria *outra*. Só pelo enfraquecimento dos liames colectivos prevaleceria, só pela divisão — pela divisão mortal, sem reparo, se havia de arrastar num rosário íntermino de sacrilégios e despotismos. Para se manter precisava de quebrar a unidade moral da Pátria. Por isso a atitude do jornal da rua de S. Roque é lógica, é coerente. Por isso eu viro as costas com um sorriso de piedade à ária conservadora do periódico do Chiado.

É que a questão, colocando-se com instâncias inadiáveis, não admite fases híbridas, desvios intermédios. Ou com a república incarnando o individualismo atrabiliário, negativista, do *contrato social*, ou com a monarquia em respeito pela razão eterna das coisas, pelas leis impreteríveis da vida e da civilização. Todo o ecletismo é a passividade e a timidez — o marasmo podre dos pântanos, a vil planura dos caracteres. Quer seja gorro frígio com paródias tolas à sequência histórica, quer seja manto e coroa com transigências ignóbeis pelo mito esparvoado da vontade popular, é sempre o artifício, o embuste, o sofisma. Guerra à mentira que, se encapotando em reconciliações fantasmagóricas, só serve para prolongar em estado endêmico uma crise que é um dever sagrado resolver de um golpe, ou pela morte ou pela salvação!

Falando da *Action Française* — com vénia ao sr. Teófilo Júnior! — o insuspeito Marcel Sembat asseverava algures que se fora nacionalista havia de ser nacionalista integral como Maurras e os seus amigos. «*Où! ces messieurs sont en possession d'un système clair, cohérent... Si l'on est nationaliste, la logique exige qu'on soit nationaliste intégral.*» E o senhor Teófilo Júnior que sabe tudo não desconhece Marcel Sembat na sua dupla qualidade de deputado socialista-unificado e de autor do famoso livro *Faites un roi sinon faites la paix*, que tanto engulhou as falanges rotas do democratismo gaulês.

Emancipando-me a tempo da paródia revolucionária que me arrastaria direito ao torvelinho endiabrado do seu atomismo de catástrofe, eis porque, felizmente, não me persuadi numa delonga escusada de que a república se ajustasse com a mais ligeira tentativa salutar de organização e disciplina — como se infere ainda da expectativa esperçada do senhor Teófilo Júnior. É que por falha de nascença a república é em toda a banda a traição ou o suicídio. Em França, devida à pressão de Bismarck que a vivo custo impediu o advento do conde de Chambord, hoje desarma o país diante das ameaças teutónicas, entrega os naturais ao principado sôtego do oiro israelita e compromete sob sorridentes aparências pacifistas o futuro da nacionalidade adentro das próprias fronteiras.

Marcel Sembat descuidou-se em dizer que a república consiste na *preferência dada às lutas interiores dos partidos sobre as lutas exteriores da expansão*. É uma confissão preciosíssima que nos descobre a natureza fictícia e doentia da abominável decapitação em que apenas o anonimato se refastela, nutrindo-se da incompetência e da irresponsabilidade.

O sindicalista Sorel já qualificara as composições democráticas de «*patriciado da mediocridade*» — conforme o velho e incompreendido

Proudhon. O senhor Teófilo Júnior lembra-se decerto do título de uma brochura célebre de Faguet e não se esqueceu da alegoria ainda mais célebre de Platão. Segundo o filósofo grego, as cidades bêbedas de democracia eram exactamente aquelas em que os burros tiravam o lugar aos homens. Para que imagina um irrealizável saneamento? São seivas desperdiçadas numa correria doida atrás do impossível. O burro de Platão é que manda, é ele que há-de mandar. Com os olhos poisados na imagem mansa da boa sapiência antiga, eu cedi o meu lugar antes que mo viessem tirar. Não se verá também obrigado a isso, o senhor Teófilo Júnior? Mas acentuava eu que a república, sendo na definição de Sembat a preferência concedida às lutas interiores sobre as lutas exteriores, é, por derivante legítima, o enfraquecimento, a anulação, o fim dos fins. O senhor Teófilo Júnior, na sua omnisciência de Teófilo sabe que a condição vindoura do mundo é o Imperialismo por duríssima necessidade económica e ainda por defesa da família branca ante o lento despertar das formidáveis populações exóticas. A prevalência dos debates partidários, engendrando a anemia diplomática e representativa por falta de continuidade nas vistas do Estado, lança por um defeito insanável a imprescindível equipolência do agregado no mais deplorável dos divisionismos. Gira-se em torno do voto e pelo voto se provoca a corrupção governativa mais a vitória dos menos aptos. Ao interesse supremo da colectividade sobrepedem-se os interesses escusos das clientelas. E posta de um lado a inabilidade congénita da república para conseguir o prestígio externo e do outro a sua falha irremível para efectivar a demandada diferenciação regionalista, nós temos já aqui dois motivos por virtude dos quais eu mais do que nunca reputo o senhor Teófilo Júnior como um futuro legionário das campanhas integralistas. É o senhor Teófilo Júnior que mo autoriza a sustentar pois nos promete a sua adesão plenária se um dia se convencer de que a monarquia importa a única condição viável da sobrevivência da Pátria.

Penso que as ligeiras razões expostas são indicativo bastante de que causa sagrada é nesta hora aflitiva a causa do Rei. Com uma tão nobre declaração o senhor Teófilo Júnior não deve ficar-se com ela em palavras, deve ilustrá-la com a energia convencedora do seu procedimento. O senhor Teófilo Júnior é um rapaz inteligente e culto, não lhe escapa, portanto, a extrema gravidade da nossa situação. Examine-a bem, sem espírito de partido nem prevenções sectárias, e verá que o equilíbrio não deriva senão da reposição pura e simples do exilado de Richemond. A república está morta, — persistir em conservar uma cadaverização é

correr o risco de abalarmos com ela para a vala comum, — para uma sepultura inglória, sem epitáfio nem honras fúnebres. Sejam todos um pouco Monk. O erro de uma vida inteira reabilita-se com o gesto de um raro momento. É a força imperiosíssima da *salus populi* que é preciso escutar lá naquelas intimidades solenes aonde os ódios não chegam nem o barulhar confuso da rua. Decida-se o senhor Teófilo Júnior. A bandeira proscrita é hoje o emblema augustíssimo da integridade do solo. (N.º 165, de 23 de Agosto de 1914).

\* \* \*

Eu já aleguei perante o senhor Teófilo Júnior a impotência descentralizadora da república e a sua inferioridade diplomática. Evoco-lhe agora a visão cruciante da nossa terra, jogada aos dados, como a túnica de Cristo, no tabuleiro enxadrezado das chancelarias. É justo, é natural que o senhor Teófilo Júnior me observe, porém, que não é só afirmá-lo, é também prová-lo conjuntamente. Ora surge a altura de eu me lamentar do pouco espaço de que disponho, porque senão ter-lhe-ia demonstrado com a clareza inescurecível de um teorema tudo quanto de passagem enuncio.

No entanto, basta que eu lhe recorde a perda de Angola, já assinalada nos mapas alemães como positiva esfera de influência germânica, e que em paralelo destaque para o conhecimento unânime o alto prestígio do sr. D. Carlos anulando por manifesta intervenção pessoal o acordo secreto de Londres e Berlim acerca da partilha provável das nossas colónias.

Suspensão desde 1898, revalidou-se de rápido, tão depressa esta era luminosa sorriu para os destinos naufragados da Pátria. E é para ponderar que o mesmo senhor D. Carlos, monarca de um pequeno país sem esquadras nem exércitos, — de um país quase insolúvel e posto para aqui ao acaso na cabeceira de Marrocos, teve artes para conseguir que nos visitassem os chefes de Estado mais em eminência na Europa.

Quando o rei Eduardo o designou árbitro da contenda com o Brasil a propósito da ilha da Trindade, o senhor Teófilo Júnior, que sabe muito, não ignora que o senhor D. Carlos derimiu a questão a favor dos nossos irmãos do outro lado do mar com respeito bem significativo da parte dos gabinetes europeus.

Aponte-me, em contradita, o senhor Teófilo Júnior o que tem sido a obra diplomática da república. A mim peja-me falar dela nas colunas



#### Um grupo histórico

Os realizadores das notáveis conferências da Liga Naval sobre a *Questão Ibérica*, em 1915

*Da esquerda para a direita, sentados:* Dr. António Sardinha, Tenente Coronel Vasco de Carvalho, Maestro Freitas Branco, Dr. Xavier Cordeiro e Dr. Alberto de Mousaraz.

*Em pé e da esquerda para a direita:* Dr. Ruy Ennes Ulirich, Dr. Hipólito Raposo, Dr. Luís de Almeida Braga e Dr. Pequito Rebelo.

de um jornal republicano que tão gentilmente e com tanta lealdade as colocou ao meu dispor. Limito-me por via disso a denunciar tão somente uma estupidíssima ideia-feita que anda por aí de boca em boca por boticas e mentideros: É essa que supõe a Europa monárquica interessada na queda da nossa república. Como a ninguém, à Europa monárquica agrada esta ordem de coisas. À uma, — porque com uma dinastia entre nós os deveres de parentesco, de solidariedade e cortesia opunham-se terminantemente à mais miúda tentativa expoliadora. À outra, — porque o caos da instabilidade e regressão em que nos despedaçamos é um aviso eloquentíssimo para os povos restantes que não embarcam já na aventura. Tenha o senhor Teófilo Júnior bem presente a base VII do entendimento de Cartagena em que a Espanha cedeu à França uns presumíveis direitos no norte de África em troca da tolerância à sua acção provável nos negócios portugueses. E como uma pessoa que sabe tudo, — como pessoa que não possui uma cultura unilateral e ensina em todas as coisas o Padre-nosso ao vigário, o senhor Teófilo Júnior não desconhece a resposta de Bismarck ao conde de Arnim em 23 de Novembro de 1872. Salientara-se ao Chanceler de Ferro a ameaça que as instituições democráticas representariam em França para com o desenvolvimento do imperialismo teutónico. De logo Bismarck sossega os ânimos assustadiços. «Uma França constituída monárquicamente, assegurava ele, oferecer-nos-ia perigos maiores que os que V. Ex.<sup>a</sup> vê na influência contagiosa das instituições republicanas. É mais para inspirar a repulsa o espectáculo que semelhantes instituições nos oferecem.»

De facto, é a repulsa, o enfado, o desencantamento que se notam em Espanha com a lição que ao pé da porta lhe está correndo, — o que bem se evidenciou nas últimas eleições com a diminuição sensível do eleitorado radical.

De facto, é ainda a insuficiência fisiológica do sistema republicano que empurra o grande Nansen, inspirador e caudilho da opinião democrática do seu país, a optar sem hesitar pela monarquia quando se consumou o divórcio entre a Noruega e a Suécia. Entrevistado Nansen por um jornalista que não lhe ocultou o pasmo, são do alcance público as declarações obtidas. «Nós escolhemos a monarquia, — assim respondeu Nansen — primeiro porque a Noruega não é um país rico e as Repúblicas saiem, como se sabe caríssimas; depois, nós queremos ser fortes e a república só nos enfraqueceria em face da Suécia; finalmente, nós que-

remos ser livres e não queremos, por conseguinte, sofrer a tirania dos partidos.»

Tais são as notabilíssimas «razões de Nansen» que repetidas e glosadas, correm hoje o planeta como o processo concluso da ficção democrática. Fixam-se mais uma vez os caracteres patológicos das repúblicas que são, a saber: — os desperdícios financeiros, o desarranjo exterior e a contenção burocrática do Estado ao serviço do bando entronizado no poder. Panamá, Caillaux, o déficit absorvente do Brasil, os escândalos quase quotidianos que acidentam a vida política da América do Norte com municipalidades entregando-se a peso de ouro às conveniências escuras dos trustes, entre nós Ambaca, São Tomé e Portas de Ródão, — todo um sudário infinito, do desfio interminável, precisam com vigoroso recorte o perdularismo típico das democracias políticas. Convencido da debilidade afirmativa da Terceira República pelo que se referia aos direitos da França em face do estrangeiro, com mais responsabilidades que o senhor Teófilo Júnior, Flourens, publicista apreciado e antigo ministro dos negócios exteriores, abandonou o regime em que militava ingressando nas hostes realistas da *Action-Française*, — com licença do senhor Teófilo Júnior! «Catavento» lhe chamará o meu adversário presente, mas estimável correligionário futuro. «Patriota» lhe chamarão os homens de sã consciência em quem o espírito de partido não sobrepuje as claras luzes da inteligência. E quanto à última «razão» de Nansen, o senhor Teófilo Júnior que se bate com galhardia pelo Regionalismo e que eu não me canso de reverenciar como uma criatura que sabe tudo, não ignora, derivadamente, que tanto a república como qualquer outro sistema que se alicerceie no voto não pode nunca realizar a descentralização. Se a monarquia constitucional, — enxertia aberrativa que nos trouxe às portas da morte quase, o não possibilitou em termos exequíveis, eu juro-lhe que muito menos a possibilitará a república. É que devolver a iniciativa às autarquias locais é roubar ao *clan* instalado no mando a varinha de condão com que ganhará as eleições.

Um caso de passagem fundamenta o assento postulado. Para honra dele, o meu concelho manteve-se abstencionista em número avultado de votos por ocasião da carneirada suplementar. Pois agora muito à surda emite-se vagamente a hipótese da sua supressão se não se resolver a uma atitude concreta no próximo festim do sufrágio.

Oh!, a diferença que há entre a Liberdade de maiúscula solene e as pequenas liberdades positivas, práticas, de que se abastecem os ricos pluralismos sociais! Aquele devora-as, como Saturno fazia aos filhos.

E quando já não tem a quem atirar a boca voraz, a si mesmo se engole como na linda representação a que estamos assistindo e que nos fazia rir a gargalhadas sem medida, se não nos desse tristeza, deixando-nos a alma em luto! (N.º 167, de 6 de Setembro de 1914).

\* \* \*

Julgo sumariados os motivos insofismáveis em que a solução monárquica se repousa como penhor de garantia pátria. De malas enroladas, muito de afogadilho — compreende-se, porque os limites impostos não me consentem nem desafoço nem documentação. O senhor Teófilo Júnior que cumpra agora a promessa, de cuja seriedade nem por um instante duvidei! No Integralismo Lusitano não se é monárquico por fim, — é-se monárquico como meio, por positivismo, na aceitação de uma imperiosa lei sociológica, do respeito da qual depende a boa saúde do agregado. Se o senhor Teófilo Júnior avançar o passo dignificador, não se cubra de crepes num necrológio aflitivo pela sua autonomia. Cá não se anda de recuas diante de El-Rei. Está connosco a pertinácia robusta dos procuradores das vilas às antigas cortes, — a camaradagem fraternal dos «homens bons» dos concelhos, saudando o rei com o «Mantenha-vos Deus, Senhor!», que se guardou na tradição. Aqui caberiam para demover o senhor Teófilo Júnior umas pinceladas fortes da nossa história, — o inventário desapaixonado da obra formidável da Realeza. Mas o senhor Teófilo Júnior defender-se-ia ainda repetindo as difamações gratuitas que entenebrece a memória dos nossos monarcas desde D. João III ao seu desventurado homónimo da fuga para o Brasil.

Não se improvisa um monárquico, como um monárquico deve ser, com a facilidade com que o senhor Cunha e Costa se improvisou. Mais de um ano consumi eu, vexado comigo mesmo, a braços com o maior drama de pensamento de que se haja de padecer. Por fim, as minhas aspirações de disciplina e sanidade triunfaram dos preconceitos que as amarfanhavam e iludiam.

O senhor Teófilo Júnior recorda-se da exclamação final do tribuno? *«Alors, si c'est une vérité et que l'aie méconnue, je le dirai hatement. C'est notre, héroïsme à nous, les hommes d'idées, pour oser crier, quand nous ne sommes trompés! — Je me suis trompé! «Enganei-me!» — clamará o senhor Teófilo Júnior depois de ter experimentado adentro de si a inanidade de uma ideia e descortinando o senso eterno que habita com essa que tanto se afadiga em combater. E, afinal, não são outras*

as grandes vitórias! Quando o homem se vence a si próprio para receber nas regiões serenas do pensamento as directrizes inescurecíveis da Inteligência, ele não é um derrotado confesso, ele é um herói que se provou em lances difíceis e que, senhor inteiramente de si, manobra a sua vontade pelas regras supremas da suprema Acção, pela melhoria lustral das Almas, pelo equilíbrio máximo da vida. Se alguma coisa eu mereço ao senhor Teófilo Júnior é apenas o que lhe peço: — escute as suas vozes íntimas e quando elas lhe bradarem: «Levanta-te e anda!» levante-se e ande, como o paralítico dos Evangelhos.

De resto, a entrada do senhor Teófilo Júnior numa concepção filosófica da Realeza, é o remate natural de um espírito que se cultiva e afina. São as conclusões que, sem agravo de ordem moral para o senhor Teófilo Júnior, eu sou autorizado a deduzir da sua conformação mental. A república é o senhor Afonso Costa, insultando os integralistas, — oh! a desvanecedora honra! — no congresso da Figueira, crismando Maurras de mentecapto, dizendo do sindicalismo as mais asnáticas injúrias. A república é o culto da Incompetência de Mr. Faguet, — é o burro alegórico de Platão primando por sobre os homens. «La République n'as pas besoin de savants!» — já confessara um convencional esturrado, despachado para a guilhotina o insigne Lavoisier. Aos senhores que nas colunas de *A Fronteira* se cansam por instilar nas veias do que é podre e caduco um soro mífico de mocidade eu vejo como os classificam de «aeroplânicos mancebos». É tão impossível a república ser o que sonham no idealismo bondoso de uma juventude que estua em ímpetos de aperfeiçoamento a revolta, como o dia ser a noite e a noite ser o dia. No fundo, há só um equívoco a malbaratá-los em pugnas baldadas, — um equívoco que é necessário desfazer. O que os senhores combatem na Realeza é a monarquia constitucional, — a monarquia dos partidos e dos Discursos na Coroa, que foi o que foi porque não passava, na essência, de uma república. O que os senhores esperavam da república proclamada e que a república lhes não dará jamais por implacável culpa de origem, é o que constitui património exclusivo de uma monarquia autêntica, pura, que não carecendo de ganhar eleições nem agradar a potentados, se acha revestida dos atributos orgânicos indispensáveis para restabelecer a sinergia administrativa e conseguir a satisfação da economia obreira. Mais nada.

O senhor Teófilo Júnior alegará, entrementes, não já a França em que a descomposição é evidentíssima de hora para hora, a ponto de um corifeu do regime responder: — «cela ne peut pas durer!» mas a prospe-

ridade seivosa dos países americanos. Eu volvo-lhe que, países saídos há pouco do colonato, sem unidade étnica nem diferenciação institucional, a república é aí uma fase intermediária, própria de todo o desenvolvimento social. É a interinidade, o provisório, que marca unicamente um determinado estádio de transição que há-de acabar com inteira lógica no advento do César.

Assim, os Estados Unidos, com a ameaça nipónica pelo flanco, atiram-se já para o imperialismo em busca da salvação futura. Ao senhor Teófilo Júnior que como pessoa que sabe tudo lê os Iankees no original, devem-lhe ser familiares as vistas de Roosevelt e de Mahon, — os dois doutores da corrente junto de Brother Jonatham que se estende em frémitos incontidos de Domínio. Ora quando as lutas exteriores se descobrem como exigência incompadecida de perdurabilidade é Marcel Sembat que em insuspeito testemunho nos aconselha que façamos um Rei, já que não se pode fazer a paz.

De envolta a tumefacção capitalista, subalternizando o congresso por via dos bosses há-de gerar por sua parte um poder indiscutível que não se nutra do embate das classes e que orbite em moldes prudentes o abuso draconiano das potências do Oiro. O cesarismo aproxima-se assim na marcha política dos gabinetes de Washington. O presidente Woodrow Wilson é bem o político do «poder-pessoal», como em segunda palestra demonstraremos contra a negativa do senhor Teófilo Júnior, a quem eu faço a justiça de não professar o erro comum que leva o «poder pessoal» à conta de absolutismo nú e cru. E quem atente um pouco no «gâchis» permanente das outras repúblicas do Novo Mundo, não demora em concordar que o voto de arrependimento, formulado por Luís Alberto de Herrera, diplomata uruguaio, num livro conhecidíssimo, é no encerro de contas, o voto de todas as consciências livres da América. «A América expia a culpa de não haver optado, ao emancipar-se, por uma forte situação hereditária». (N.º 168, de 13 de Setembro de 1914).

\* \* \*

E se até agora as consequências não subiram para além da instabilidade intestina, é que à América tem-lhe valido a posição geográfica, cingida pelo mar, desembaraçada de vizinhos cobiçosos. «Hereux Etats-Unis protégées par deux océans!» — suspiraria em desabafo significativo o embaixador francês René Millet.

Fora da América, a república é, pelo exposto, uma terrível regressão degenerativa, uma remanescência atávica funestíssima. É uma doença que ou se cura de pronto ou provoca a desagregação irreparável.

A China oferece-nos um óptimo exemplo para se citar. A ditadura de Van-Chi-Kay, — se escrevo bem —, surgiu a atalhar o esfacelo em que a terra dos celestes abalava perdida. Medite o senhor Teófilo Júnior sobre tão elucidativo acontecimento e inscreva-o ao lado das razões quotidianas que em toda a banda militam pela monarquia.

E é tempo de acabar. Para outra vez reservo uma conversa acerca de Evolução, de Augusto Comte, do Presidente Wilson e do Parlamentarismo. Entrementes, para corrigir os dogmatismos do senhor Teófilo Júnior acrescentarei ainda que não sacrifico a minha independência mental aos preconceitos unicistas da *Action-Française* nem me procuro instruir em juízos unilaterais, em generalizações excessivas. Foram afirmações precipitadas que mais uma vez manaram da pena um tanto impulsiva do meu muito prezado contraditor. À hora em que a sua réplica aparecia, já no segundo número da *Nação Portuguesa* se desenhara por minha palavra qual a atitude do Integralismo lusitano diante da *Action-Française*. O meu estudo saiu desfigurado à força de incorrecções tipográficas por causa de uma endiabrada caligrafia com que eu achei por bem presentear-me. Todavia, cuido que ressalta claro o intuito que a ele presidiu. Se o senhor Teófilo Júnior me leu, verá em quanto foi injusto na sua insinuação. E se me quiser ler no terceiro número convencer-se-á de que o Integralismo lusitano se encontra na posse de critérios muito seus, muito autónomos diante das doutrinas de Maurras.

Pelo que se refere ao unilateralismo da minha cultura, aqui lhe deixo consignados alguns autores adversos que poisam na minha estante e que eu aconselho ao senhor Teófilo Júnior para lhe temperar as inconveniências de uma conversão repentina. Ei-los: Georges Guy Grand, *Le procès de la démocratie*, *La philosophie nationaliste* e *La philosophie syndicaliste*; D. Parodi, *Traditionalisme et Démocratie*, toda a obra de C. Bouglé, especialmente o livro *La démocratie devant la science*. Adiciono da parte dos positivistas republicanos, — *La Démocratie vivante de Georges Deferme*, e o livro do abade Labertuonnière, *Positivism et Catholicisme* da parte de certas tendências católicas. É o sinal vigoroso da superioridade da nossa convicção o não arrecear do aferro que ao senhor Teófilo Júnior admirará por algum tempo ainda de convívio com tão empenhados paladinos de uma ideia no ocaso.

Dirige-me o senhor Teófilo Júnior alusões lisonjeiras com base no *Tronco reverdecido*. É um pobre livro dos vinte anos, que escrito quando eu andava desgarrado pelos mentirosos arraiais da democracia, contudo documenta bem a feição de espírito que me lançaria no Integralismo lusitano. Lá se destrinça como visível apelo emocional o culto das forças sentimentais da Tradição, — o religiosismo da gleba, a ardente mística da Raça. Analise o senhor Teófilo Júnior os subsídios psicológicos fornecidos por essa colecção de rimas e mais uma vez se castigará pela etiqueta menos brunida com que me adjectivou, inteirando-se sobre uma prova tão iniludível da completa coerência que inspira a minha atitude de hoje.

Ilógico foi o eu escrever semelhante livro na persuasão ingénua de que era republicano. No cabo, era-o como o senhor Teófilo Júnior o julga ser.

Não tem, por último, o senhor Teófilo Júnior que me agradecer o recebê-lo como contendor. Somos sinceros ambos, animados pelo fogo de uma mocidade que anseia pelo bem da Pátria. Tão profundas que sejam as divergências ocasionais, eis uma afinidade que nos acamarada indissolúvelmente.

Porque não emparceirar com o senhor Teófilo Júnior, consequentemente, se nos punha em duelo de instantes o que, bem a claro, bem a descoberto, é a finalidade que de longe nos solicita e que vamos buscando, embora por caminhos diferentes? Brigas de teimosos, mexidos por facciosismos inferiores é que se repeliriam, porque com elas surge sempre Palma-cavalão. Mas quando a luta é nobre e determinada por altas necessidades de Inteligência ou de virtude, a obrigação de todo o que se sente com uma ideia para evangelizar é encher-se de proselitismo e ir pregar à Moírama a verdade que o ilumina. Eu não lhe fechei, pelo dito, a porta na cara, como deixa inferir. O que eu previ e prevejo é um desperdício insanável de energias em qualquer campanha jornalística, sempre de resultados áridos, senão contraproducentes. O senhor Teófilo Júnior há-de vir para a monarquia, mas com certeza, — juro-lho quase —, este nosso debate por especiais condições de independência mental, retarda-lhe o passo decisivo.

Bom será que eu me explique ainda, para não arranhar susceptibilidades, acerca da posse íntima em que me acho da conversão do senhor Teófilo Júnior. Não é uma ironia em que lhe pretenda devolver diluído o tal amabilíssimo rótulo de «catavento político» com que me reclamizou. Não! É simplesmente clarividência dos seus destinos públicos, porque desde que o senhor Teófilo Júnior se arregimenta sob o conceito terri-

torial, étnico e afectivo da Pátria, o senhor Teófilo Júnior tem que ser monárquico por lógica e imposição dos acontecimentos. A república arrasta à negação de fronteiras, é o prefácio da utópica e dementada Nação-Humanidade dos agitadores simplistas da Internacional. Não se enfeuda o senhor Teófilo Júnior à terrível paranóia. É um índice seguríssimo da sua pujança intelectual. E assim encontra-se com os enunciados mais categóricos da ciência contemporânea que da antroposociologia à psicologia histórica acentuam e proclamam que as divergências nacionais não são invenções de artificial chauvinismo, mas realidades indestrutíveis com base na própria estrutura fisiológica. (N.º 170, de 27 de Setembro de 1914).

\* \* \*

Só uma criação fantasiosa, como é a vesânia mítica da nação civilizada, é que pode conduzir pelas generalizações excessivas ao desmentido conflituoso de quanto é presente na nossa conformação hereditária. É o resultado coerente desse individualismo abstracto em que os Imortais-Princípios se desentranharam e que considerando o homem em absoluto, o desprendem dos condicionalismos de sangue, o meio para o tornarem um ser uniforme e idêntico em toda a banda, contra a multiplicidade palpável dos fenómenos, contra a lição diária dos factos sociais. Como Augusto Comte ensina, e a reflexão do nosso pensamento rectifica, os Mortos é que constituem, pelo contrário, as raízes e o impulso medular das sociedades, — as sociedades compõem-se não de indivíduos puros, de átomos centrífugos e desgravitados, mas de unidades celulares, fixas e irreduzíveis de entrançamento pluralista, — como famílias e outras agremiações espontâneas de natureza sentimental ou religiosa. Por outro lado o ilustre neurologista Jules Loury demonstra que em nós tudo se altera, tudo se modifica, menos os neurones que do nascimento à morte permanecem os mesmos nas possibilidades contidas. Aí, na génese recôndita das nossas sensações, reside o fundamento das divergências intransponíveis dos variados tipos nacionais, — pela acumulação ancestral a origem do amor da Pátria, do Parentesco, das nossas relações emotivas e éticas. Em nome de uma competência exercitada no laboratório e no magistério, Jules Loury que atribuiu a pregação de Cristo a uma encefalite aguda, não se acovardava em declarar que, não sentindo a fé, porque a fé é uma graça, — ele que era ateu, confessava-se, entretanto, católico apostólico romano, — sem antagonismos nem paradoxos.

Oh! a admirável, a verdadeira liberdade de pensamento! Não podendo ajoelhar perante um altar, porque não se verificava na asa arrebatadora do élaos que transporta e rejuvenesce, Jules Loury inscrevia-se, todavia, como defensor do primado da Igreja aonde ele venerava a mais formidável instituição humana que pelo espírito de ascetismo elevava o mamífero acrócrimo da criação ao ser consciente e digno, portador de uma finalidade.

A *Campagne nationaliste* do eminente sábio é um livro que nos merece uma leitura repousada. E sem custo, vencida a estranheza que em começo nos causa com as suas asseverações, nós alcançamos afinal, que não significa senão o reconhecimento heróico dos determinismos que nos regem e tornam grandes, sem os quais, uma vez perdidos, resvalámos depressa para a anulação, — para o esfacelamento.

Já Fustel de Coulanges, sem ser um fiel nem um praticante, se mandara enterrar catòlicamente, «porque quando se não pensa como os nossos antepassados o patriotismo manda que se respeite ao menos o que eles pensaram».

Eis como se exprime o autor de *La cité antique* no seu testamento. É da aceitação gostosa dos limites da vida que borbulha o olimpismo de um Goethe, — a liberdade não existe senão na restrição, — da sujeição às leis misteriosas do cosmos que só se comandam obedecendo-lhe, é que Jurathustra extrai a sua super-humanidade.

É assim a noção de Pátria professada pelo senhor Teófilo Júnior que, afora os argumentos da sensibilidade, — as tais razões do coração que a razão não conhece, — a verifica e fortalece com profundos motivos de raciocínio e cultura?

Pois bem! O senhor Teófilo Júnior que já nos afiançara a sua adesão à monarquia tão cedo se persuadissemos de que assim o reclamava a integridade querida da Pátria, vai concordar agora na incoerência sincera da sua mocidade, mantendo-se com um tal património ideológico, com uma tal interpretação da salubridade colectiva adentro do estreito e vicioso campo democrático. Não sou eu que, apaixonado por uma ideia rígida, lho observa. É ainda aquele diabo do Marcel Sembat que com a mais extraordinária clareza pedagógica e dentre as bancadas do radicalismo gaulês se empenha em equacionar com palavras de incisão e convencimento os termos, tão confundidos por misturas contraditórias, do problema instantâneo do futuro. Eu não sei de serviço mais precioso que se houvesse prestado nos últimos tempos à síntese monárquica do que o livro sensacional do bom socialista unificado. Aludindo

aos republicanos patriotas, — aos Barrés, — aos troços parlamentares do *doureledismo* morto, e com prova nos exemplos de Mazziori em 1860, de Nansen em 1905, — Marcel Sembat prevê com uma perfeita destriça dos acontecimentos a sua incorporação inevitável nas fileiras do Rei. «Ils y viendront! Ce qu'ils ont essayé avec Boulanger, ils seront conduits par le logique des choses á l'essayer avec le duc d'Orléans. Ils rappellent l'Action-française tôt ou tard.»

Ils y viendront! — repito eu que entrei a despedir-me muito atrás, mas que fiquei como as comadres a conversar ainda uma boa meia hora ao cimo das escadas. Ils y viendront! E o senhor Teófilo Júnior, ingressando no Integralismo lusitano, com vir combater não pela monarquia em si mas pela salvação suprema da Pátria, ocupará o lugar que é devido a toda a criatura de boa vontade e sã consciência! — Monforte, 29 de Junho de 1914, António Sardinha. (Número 170, de 27 de Setembro de 1914).

## V

### “A Epopeia da Planície”

Teófilo Júnior não se amofinou com a exaustiva e profunda resposta de António Sardinha, que nela deixou bem vincadas a sua vasta cultura e a rectidão do seu carácter. Já referimos, que, depois, se tornaram amigos íntimos, mas como prova temos uma notícia crítica de Teófilo Júnior à *A Epopeia da Planície*, publicada em *O Leste*, semanário independente, noticioso e literário, fundado por meu tio João Baptista da Gama, espírito irrequieto e talentoso, a quem o jornalismo elvense deve alguns dos seus melhores capítulos. No n.º 12, do ano I, de 7 de Outubro de 1915, um ano decorrido sobre a polémica, na secção «Letras & Tretas», saiu o seguinte apontamento assinado por Teófilo Júnior:

*«Na minha banca, fechado sobre a sua última página, repouza A Epopeia da Planície, o último livro de António Sardinha. Trouxera-mo o correio há dias, com uma dedicatória penhorante e amorável do seu autor. Não desejo que me escape a oportunidade de escrever a seu respeito algumas considerações. Fixo-as, neste momento, no papel.»*

*Por entre o vozear rítmico da tendência primacial do Meio Dia alguma coisa se organiza, a meu ver, que insensivelmente criará adeptos e que sem corporizar propriamente uma escola, como documentação duma*

tendência ficará. Refiro-me ao pensamento regionalista em poesia, aludo à poesia regional. E sob este ponto de vista o último livro de António Sardinha com a *Musa Alentejana do Conde de Monsaraz* aparecem em primeiro lugar.

.....  
*Bem haja António Sardinha, que com a sua oferta penhorante, trouxe uns minutos de emoção superior, de viva emoção, ao meu desalento, ao meu travor de alentejano que vê ruir macabramente em mãos inábeis e sob a acção deletéria duma geração ignara, a poalha doirada das formosas ilusões — um sonho de glória realizado!..*

## VI

### António Sardinha colaborador da imprensa de Elvas

Não é abundante a colaboração de António Sardinha na imprensa da cidade raiana, mas deparamos com artigos e poesias suas em *A Fronteira*, como vimos, em *O Leste*, *Vida Nova* e *O Rebelde*.

No número de 12 de Novembro de 1915 do primeiro citado, encontro, na primeira página, a local que segue:

#### Dr. António Sardinha

*«Inicia hoje a sua colaboração no nosso jornal o sr. dr. António Sardinha. Os leitores compreendem o orgulho justificado com que lhes damos tal notícia. O sr. dr. António Sardinha é, dentro da nova geração, um dos indivíduos que se tem afirmado mais brilhantemente, sendo hoje possuidor dum nome literário bastante conhecido e admirado. Agradecendo daquí a sua ex.<sup>a</sup> a honra que nos dá, aproveitamos o ensejo para lhe pedirmos que nos desculpe o facto de não podermos dar hoje completa publicidade ao seu brilhante artigo, o que nos é impedido pelas dimensões do Leste. No próximo número, porém, para prazer dos nossos leitores, concluiremos a sua publicação.»*

#### a) Prosa

Em prosa, a colaboração de António Sardinha resumiu-se a três artigos, que por certo também serão quase de todo ignorados até pelos seus amigos mais íntimos, o que justificará a sua inclusão neste pequeno volume.

## 1

## Carta a um amigo de longe

«Vem, meu amigo de longe, a esta prega anónima da fronteira, em que Elvas, do alto da sua colina, continua a entoar um louvor heróico à energia perdida da Raça! Tão triste que tu arrastastes por caminhos infinitas de tédio a tua esperança doente, talvez que o milagre do sangue antigo se opere no desalento das tuas veias, ao avistares os paredões severos da fortaleza, toda branca de cal no duplo abraço cingido do seu recinto abaluartado. Vem! É que Elvas vale como uma cura de espírito para nós os que vivemos dia a dia os desastres da pequena casa lusitana. Os moiros voltaram de novo à terra de Portugal, — e bem piores os de agora que os outros do velho tempo! São os moiros de dentro, — caras sinistras de encruzilhada, em quem resfolega e toma largas o fundo patológico duma nacionalidade. Custou-nos isso a aventura ultramarina, meu amigo de longe! Já na *Miscelanea* o bom Garcia de Rezende resmungava, agoirento, que, a meterem-se tantos cativos no Reino, lá havia de vir a hora em que eles seriam muitos mais do que nós. Os escravos escravizam-nos, de facto. A gente de cor suplanta-nos numa conquista lenta de séculos. Espreita-lhes tu as feições, surpreende-lhes a psicologia. É uma psicologia tumultuária de mestiços, — é um *factes* característico de etnia inferior, com genealogias inscritas nos anais das galés...

Não, não sabemos o que é a invasão, — não vimos nunca os cavaleiros inimigos galopando através dos choupos da várzea natal, como no prefácio inolvidável de Bourget. Mas, meu amigo de longe, a unidade moral da Pátria está em perigo porque são os últimos pecados da Índia que se expiam. Temos nas artérias mascarra africana. Padecemos o defeito das raças colonizadoras. Como na alegoria doce de Fenelon, os mais dentre nós descendem daquele povo da fábula que só possuía por vocabulário a palavra «*Não!*» A palavra «*Não!*» é a fúria anti-social que destrói, disfarçada em promessas de redenção na oratória ínfima dos tribunais. São os falsos dogmas de 89, denunciados em toda a sua curva separando-a pelo pensamento culto do mundo inteiro. É o génio diabólico das barricadas, em que os verdadeiros valores da civilização se anulam e bem personalizado em Cofinhal d'Auvergoso exclamando, ao despachar Lavoisier para a guilhotina: «*La République n'a pas besoin de savants!*»

Nós sofremos, meu amigo de longe, as intempéries da palavra «Não». É uma crise com remédio previsto nas medicinas? Será antes um mal sem reparo, de que iremos morrendo aos bocados? A tua esperança sorri-se, desbotada. Todavia, eu não devo dobrar ainda os sinos em Varsóvia. Confio intemeratamente, porque sempre a vida foi dos que a olharam frente a frente, com firmeza. Não recobramos nós, no meio da tropelada de pretos, que nos trata como uma coisa sem dono, o sentimento mais rudimentar da mais rudimentar dignidade? Dorme-se o sono pesado do Encoberto. O Encoberto há-de, porém, acordar na floração magnífica do nosso resgate.

Sorriste? Oh! meu amigo de longe, pois eu confio sem desfalecimentos, — de mim para mim o repito com um fervor de acto de fé. Lembra-te decerto dos bagos de trigo achados em Pompeia. Centenas e centenas de anos soterrados, deram ao depois farinha alva, bem alto floresceram numa seara de maravilha. É o símbolo que nos serve, — o desses poucos bagos de trigo. Dentro de nós hibernou igualmente a alma rija da grei. Hibernou, não morreu, o destino invencível que nos levou à epopeia da navegação, quando o poema dos Concelhos se escrevera já até à última das suas estrofes. Nos mistérios profundos do atavismo trabalha-se o prodígio estupendo da nossa ressurreição. Será uma descida de Jesué aos séculos o despertar épico do nosso passado agrícola e religioso. As grandes verdades tradicionais já enamoram a gente moça. A gente moça vira com enfado as costas à mentira sacrílega da Revolução e na portada dos tempos que se anunciam eu insculpo o verso profético de Virgílio! — *Magnus ab integro seculorum nascitur ordo*. O «*homme libre*» de Barrés concluiu no «*jeune-homme*» de Agathon. Não é o melhor sinal duma outra idade do mundo?

Eu creio, meu amigo de longe, nas promessas de Cristo em Ourique. É o destino místico da história que ilumina a minha inteligência e a enche de poderosos estímulos morais. Se os rapazes franceses não acreditassem no gesto *Del per francos!* de Clovis, jamais a França de S. Luís, de Jeanne d'Arc e de Henrique IV se recuperaria das mãos do estrangeiro do interior que abriu as portas ao do exterior, tal é o valor psicológico dos mitos.» (N.º 17, de 12 de Novembro de 1915).

\* \* \*

«O valente Georges Sorel achou-lhe a filosofia oportuna. Convivido na lição de Maistre e de Bonald, eu não lhe esqueço os altos ditames

sociais. É a minha educação sentimental que eu agora reforço com Elvas à vista entoando do topo da sua colina um hino heróico à energia caída da Raça. Quando eu considero este morro fronteiro, coroado de torres e ameias, é então que dentro de mim se eleva mais forte a minha crença nas promessas de Ourique.

A nossa jornada áspera de pátria livre não se compreende sem um elemento de força espiritual que da pequena casa lusitana tirasse sempre o inflamado esforço português. É a convicção duma finalidade superior à luz mais exacta que explica o segredo da nossa existência. Que me importa a mim que os criticismos estéreis duma época de análise e de negação me façam observar em nome duma ciência, que não é senão uma meia ciência, que Cristo não apareceu a Afonso Henriques e que a lenda piedosa da batalha contra Ismaríó não passa dum embuste monástico?

Que me importa a mim que a incredulidade larvada dos tais que só têm por vocabulário a palavra «Não» se esteja rindo misericordiosíssimamente de mim se eu verifico a todo o instante, que enquanto o meu País acreditou na aparição de Ourique o meu País conheceu a grandeza e não abdicou nunca de ser ele mesmo jamais o que os outros quisessem que ele fosse.

É que as promessas de Ourique, representando um alvo ideal a atingir, representavam a sujeição do indivíduo duma hora à regra permanente da colectividade.

Eram um corpo de pensamentos fixos encadeando as gerações na realização dum desígnio supremo que guardava consigo a integridade afectiva do que se entenda por consciência duma nacionalidade. Eram a noção do «sublime» conduzindo à história do «sublime» que Georges Sorel, o apóstolo da economia sindicalista, tanto encarece e tanto reputa como a base essencial aos progressos sensíveis do homem.

Na pinha aguerrida que é Elvas amuralhada sente-se bem a noção de «sublime» hoje aposentada na decadência ignóbil duma sociedade que a si própria se condenou. Elvas nos recorda os recursos formidáveis do Passado, Elvas nos ordena, como emprego digno da vida, a aceitação consciente da Disciplina, o amor enlevado da ordem. É aqui que se podem escutar os diálogos eternos da terra e dos Mortos.

É aqui bem seguramente um sítio inspirado onde o Vento do Espírito se deixa ouvir. Os mortos obedeceram. Porque os mortos obedeceram, Elvas está de pé, cantando sempre o seu hino heróico. Saibamos nós também obedecer, meu amigo de longe! Não é a Natureza a personificação da obediência? Não obedece quem cria uma obra de arte?

Não obedece quem se consagra a um amor sem fim? Oh! meu amigo de longe, saibamos nós resignar a fantasia anárquica do nosso capricho na escola suprema da Cruz e da Espada!

Na Cruz e na Espada reside o impulso gerador das mais belas conquistas que enaltecem o homem. A Espada desbrava e submete. A Cruz unifica e solidariza. É que o homem só é livre, meu amigo de longe, quando se curva e quando se limita». (N.º 19, de 26 de Novembro de 1915).

*Nota* — O artigo foi interrompido neste passo.

## 2

### Maria Imaculada

«Portugal é a terra de Santa Maria. Foi-o outrora, quando nasceu do espírito de cruzada do montante rijo de Afonso Henriques. É-o hoje, no amanhecer confuso do seu ressurgimento, por entre as orações que saiem de tanto coração desoprimido.

Não há nenhuma grande data da nossa história que se não inscreva debaixo do nome sagrado da Virgem. E na aurora da nacionalidade, é São Bernardo que ampara os esforços políticos do nosso primeiro Rei, para que Portugal se fortaleça e seja reconhecido como livre. Aljubarrota ficou para sempre ligada às vésperas de Nossa Senhora de Agosto.

Por isso as Catedrais portuguesas D. João I as mandou dedicar à assunção angelical da Virgem. São um longo poema de fé religiosa e nacionalista, em que a Batalha e os Jerónimos se incrustam como um cântico de estrofes imorredoiras.

E não falo das ermidinhas rudes, que branquejam por toda a parte, poisando a sua graça de neve na linha misteriosa dos horizontes.

A devoção do Condestabre por Maria é património da Pátria que ele defendeu com o seu braço, e santificou com a sua virtude. E na Virgem dignifica a Igreja os sentimentos cristãos da Família. Pela Virgem a mulher se libertou da condição humilhante a que o materialismo antigo a condenava. Pensemos um pouco e Maria surge-nos logo como a mais bela flor da humanidade, dolorosa e pensativa, desde as alegrias maternas de Belém, à cena crudelíssima da Paixão.

Sempre, até nos tempos mais recuados, os homens veneraram uma mulher que daria à luz um menino de milagre. Eco perdido da reve-

lação primitiva, nós achamos no Paganismo os vestígios dessa crença singular que os druidas professavam à sombra das carvalheiras solenes. Lá longe, na Ásia enigmática e impenetrável, é uma virgem que concebe e amamenta mais de um Deus das várias teogonias orientais. Recordemo-nos dos marinheiros de Vasco da Gama caindo de joelhos num pagode da Índia diante de um ídolo tosco em que supunham ver uma imagem tosca de Maria.

Assim desejada, e saudada, mesmo através do erro, Maria veio para que Deus, assumindo a frágil natureza humana, pudesse elevar o homem à participação resgatadora do princípio divino. Vaso de pureza, só na pureza o culto de Maria se inspira e engrandece. O dogma da Imaculada Conceição é, numa hora de heresias sociais e morais, a resposta grandiosa da Igreja ao orgulho individualista do século que passou.

Mas antes que a Igreja o definisse, do alto do Vaticano, dominando a marcha da Revolução com a sua admirável intransigência já Portugal, no seu amor a Maria, a invocava e honrava na virtude infável da Sua Imaculada Conceição. O Reino em Cortes a elegeu por Padroeira. E, enquanto D. João IV lhe oferecia a coroa de monarca, os concelhos em massa a tomaram alvoroçadamente como madrinha.

Mais uma vez Portugal a si mesmo se chamava Terra de Santa Maria, como na alvorada distante em que o espírito do Cruzado o acordara para uma existência forte e briosa. Fixemo-nos nesta piedosa lembrança. É o dia da Imaculada o dia que hoje passa. Dia de festa para Deus, quando será de festa para a Pátria?

No regaço da Virgem, como o Menino Jesus, Portugal se repousa.

Que Ela o retome nos seus braços de mãe e como mãe lhe ensine os passos que levam direito ao caminho da glória e da salvação." (N.º 26, de 8 de Dezembro de 1918).

### 3

No *Vida Nova*, jornal que meu tio João Baptista da Gama fundou ao regressar de África, aonde fora como soldado numa das forças expedicionárias, Sardinha publicou apenas um artigo. Encontrámo-lo no n.º 29, ano I, de 14 de Janeiro de 1918.

Meu tio era o Director e Editor, mas incompatibilizado com o proprietário da Tipografia Elvense, António dos Santos, viu-se obrigado a recorrer a uma Tipografia de fora de Elvas. Valeu-lhe, na emergência, o seu amigo Dr. António Sardinha, que pôs à sua disposição as oficinas

de *A Monarquia*, na rua do Ferragial, n.º 3, em Lisboa, jornal de que ele era o Redactor-principal.

O pequeno artigo celebrava o 259.º aniversário da gloriosa batalha das «Linhas de Elvas»:

#### “14 de Janeiro”

Mais um ano se fecha sobre a data gloriosa da batalha das *Linhas de Elvas*. Recordemos a sua passagem com um acto de fé caloroso nas energias eternas da nossa raça. Vai longe já esse Janeiro de 1659 em que Portugal afirmou com arrojada bravura os seus direitos de povo livre a uma vida forte e livre.

O poder de Castela cingiu em cerco apertado a cidade, procurando vibrar-lhe um golpe sem remédio. Correram às armas os municípios do Alentejo e com a gente bisonha das ordenanças concelhias a batalha foi vencida para glória imorredoura da Pátria.

Um parêntesis de desgraça e luto entrecortou a marcha de Portugal através da sua história.

Faltam-nos no grande drama em que se debate o mundo inteiro as duas formidáveis disciplinas que então nos vieram — a Religião e a Monarquia. Sem a crença ardente, nunca o sacrifício seria tão leve e tão voluntário para os heróis que beijaram a terra, de espada na mão, sobre a colina veneranda dos Murtais. Também se a Monarquia não houvesse preparado a obra gigantesca da nossa resistência durante o reinado sábio de D. João IV, de que valeriam os esforços persistentes, nas descoordenadas dos nossos?

Meditemos essas verdades profundas hoje que a data da Batalha se comemora. É tempo de Elvas em peso a tomar de novo para si, indo em romaria ao Padrão da Vitória contemplar no chão argiloso como que a sobrevivência de tanto sangue vertido. É uma herança que só por sacrilégio máximo se abandonaria ao esquecimento dos vindouros.

Na enormidade da sua dedicação, os Mortos gritam-nos que por nós é que eles se ofereceram no altar conturbado da Pátria. Compreendâmo-los no seu apelo, deixando que as nossas veias lhes respondam. Como então, a asa da fatalidade põe em perigo os destinos incertos de Portugal. Temos uma Pátria a refazer, — uma Pátria a continuar. Não deserte no nosso coração o fogo supremo que animou os nossos Maiores para a expulsão do inimigo tradicional e que, em sua memória, o nome santo de Portugal seja por nós três vezes bendito e honrado.»  
*António Sardinha.*

## 4

Só passados 8 anos voltamos a encontrar um artigo de António Sardinha na imprensa elvense, e esse póstumo, um inédito amavelmente cedido pela consternada Viúva do Mestre, ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Ana Júlia Nunes da Silva Sardinha, a seu primo José da Silva Picão Tello, Director de *O Rebelde* e grande amigo e discípulo do autor de *Quando as nascentes despertam*.

É um verdadeiro hino à bela «Rainha da Fronteira», que com tanta simpatia o acolheu, quando nela se radicou anos após o seu casamento.

**Elvas**

«Debruçada do seu morro heróico, Elvas é uma visão de torres e ameias, que a retina guarda para sempre, desde que um dia a surpreendeu atalaiando as baixas desoladas da raia. Cresce por entre a paz religiosíssima do olivedo a pinha épica da cidade. E na alvura do casario põem rasgos de energia crispada as avançadas duras dos baluartes. Tudo ali nos fala das raízes do tempo antigo, como se na sua derradeira ara, se houvesse refugiado o génio ancestral da raça. Lembrando o sangue de mais de cem batalhas, o chão argiloso acorda na sede violenta da sua cor congestionada como que o eco esmaecido dum velho, dum olvidado sacrifício. E quer o sol se esborralhe pela rosa imensa do seu canicular, quer à noite a hora espectralize a alterosa fortaleza fronteira, nunca se cala na alma centenária das suas pedras o diálogo eterno da Vida com a Morte!

É como que um resumo de todo o Portugal da Cruz e da Espada aquele sítio inspirado onde o vento do Espírito entoa incessantemente o louvor dos lares e dos Altares. Pensativa, Deus-Termo, que os séculos amorenaram na sua vigilância constante, Elvas condensa assim na mudez dos seus conventos profanados e das suas muralhas esboroando-se um poema que ninguém escreveu ainda, — um poema cujo ritmo anda no ritmo dos nossos corações, no quebranto grave das nossas artérias. Ajoelha-te, pois, ó tu que vais passando, se na linha do horizonte se desenha essa aparição denteada e austera, como os burgos em que a nossa vista se repousa, quando a passeamos pelos quadros dos Primitivos! Ruga nobre que não se desvanesce mais, Elvas obriga-nos a meditar, a buscar dentro de nós o segredo da ressurreição com que almejadamente sonhamos. Amemo-la, a boa adiantada-mor da terra três

vezes santa de Portugal! E debruçada no seu morro heróico que a sua visão de torres e ameias seja pela nossa existência fora como que um escudo tutelar das grandes aspirações nacionalistas que crepitam dentro dos nossos peitos."

*António Sardinha*

(O *Rebelle*, Elvas, 6 de Fevereiro de 1926).

## **b) Poesia**

### **1**

#### **Fevereiro**

A primavera vem distante ainda,  
mas as amendoeiras apressadas  
entram a anunciar a sua vinda,  
surgindo de repente engrinaldadas.

O enlevo maternal da terra as brinda  
com a virgínia pompa das ramadas,  
que faz lembrar de tão mimosa e linda,  
um fluido véu, tecido em mãos de fadas.

Todas de branco, dum recorte leve,  
imprimem na paisagem pardacenta  
a láctea irradiação da sua alvura...

Homem do Sul, eu nunca vi a neve,  
mas hoje ao meu olhar se me apresenta  
no fausto nupcial que as transfigura!

(A *Fronteira*, n.º 157, 10 de Junho de 1914).

### **2**

#### **Avós sem nome**

Se há no meu sangue avós conquistadores,  
se deles trago as veias requeimadas,  
também os há humildes lavradores,  
de quem eu vim por outras caminhadas.

Avós sem nome, doces, cismadores,  
lavrando fundo sobre as madrugadas,  
quando a manhã mostrava os seus alvares,  
já iam de charruas levantadas.

Ganhou-se Portugal por duas vezes.  
Se os meus avós de espada na primeira  
o deixam já nascido e bem criado,

os outros — os singelos camponeses,  
ganharam-no depois p'la sementeira,  
tornando-o mais de todos com o arado!

(*Vida Nova*, 22 de Novembro de 1917, n.º 24, ano I).

## 3

**A Paixão das Trincheiras**

Cordeiro dos pecados duma raça,  
tu és o portador da nossa cruz!  
Ao teu calvário sobre a noite baça,  
quanta agonia, quanta, lá conduz!

No círculo da morte que te abraça,  
a treva te embrulhou no seu capuz.  
Mas sobre ti o olhar que Deus perpassa  
cobrindo-te esse gólgota de luz!

Crucificado como te imagino,  
o sangue que nasceu para nos salvar,  
ei-lo correndo sobre um campo alheio...

Por obra misteriosa do destino,  
foste remir um crime secular  
à terra sem perdão donde ele veio.

(*O Leste*, Elvas, ano I, n.º 2, 19 de Junho de 1918).

Este Soneto saiu com variantes e correcções na *Pequena casa lusitana*, Livraria Civilização, Porto-1937, págs. 187. O título também foi alterado.

**Nas Trincheiras**

Cordeiro dos pecados duma raça,  
Tu és o portador da nossa cruz.  
*Ao teu calvário, sob a noite baça  
que entrada de agonias lá conduz.*

No círculo de morte que te abraça,  
a treva te embrulhou no seu capuz.  
*Mas entre o escuro o olhar de Deus perpassa,  
cobrindo-te esse Gólgota de luz.*

Crucificado como te imagino,  
o sangue que nasceu p'ra nos salvar  
*levaram-no a correr num campo alheio.*

Por obra misteriosa do destino,  
foste remir um crime secular  
à terra sem perdão donde ele veio!

## 4

**Durante a Guerra**

Ficaram a rezar de mãos erguidas  
As mães de Portugal durante a guerra.  
Contra o poder da morte assim unidas,  
São torres sobre o alto duma serra.

São torres defendendo as nossas vidas,  
Todas as mães que Portugal encerra.  
De fracas a Oração as fez temidas,  
— Ninguém guardou melhor o sangue e a terra!

Tinha o Senhor jurado em ira santa  
Não recolher a espada enquanto houvesse  
Terreno onde florir a má planta.

De mãos erguidas protegendo os seus,  
Se Deus se vence p'lo fervor da prece,  
As mães de Portugal venceram Deus!

(*O Leste*, n.º 23, de 17 de Novembro de 1918).

Também este Soneto foi publicado com variantes na mesma obra,  
a págs. 185:

**Durante a Guerra**

Ficaram a rezar de mãos erguidas  
as mães de Portugal durante a guerra.  
Contra o poder da morte assim unidas,  
são torres sobre o alto duma serra.

*Ninguém guardou melhor as nossas vidas,  
enquanto a morte, a cobiçá-las, erra!*  
De fracas, a oração as fez temidas,  
— ninguém guardou melhor o Sangue e a Terra!

Tinha o Senhor jurado em ira santa  
 não recolher a espada enquanto houvesse  
 terreno onde florir a má planta.

*De mãos erguidas, como a fé dos seus,*  
 se Deus se vence p'lo *poder* da prece,  
 as mães de Portugal venceram Deus!

## 5

**Elvas ao crepúsculo**

Sobe da terra a confusão antiga  
 E aperta nos teus braços a muralha.  
 Suspenso, quieto, — o coração que diga  
 toda a tragédia que ela acorda e espalha!

Das coisas mortas, em mortal fadiga,  
 a sombra fez destroços de batalha.  
 Sobe da terra a confusão antiga...  
 sobe da terra e avança para a muralha.

E a noite cai. Sinistro e resoluto,  
 caminha a passos firmes o aqueduto  
 como se fosse andando p'ra a escalada.

Rendeu-se a fortaleza!... 'Inda um momento  
 pairou desfeito o seu perfil cinzento...  
 e só ficou a treva sobre o nada.

(O *Leste*, ano II, n.º 67, de 16 de Maio de 1920).

## VII

**Dois retratos de António Sardinha**

No meio dos papéis que continha o meu esquecido saco numa gaveta que há muito não abria, encheu-me de curiosidade um outro, mais pequeno. Ora o que havia de nele encontrar?! Duas interessantes e pouco divulgadas fotografias de António Sardinha dos seus tempos de Coimbra, que eu, nem sei quando, mandara reproduzir, ampliadas, da revista *Serões*. Em ambas está o poeta de capa e batina, e na mais recente, a de 1910, já com o seu característico monóculo e de bigode bem aparado!

A primeira acompanhava um artigo de Veiga Simões, no n.º 51 de Setembro de 1909, págs. 201-211, sob o título «A nova geração do neo-lusitanismo». O artigo é ilustrado com fotografias de Manuel da Silva Gaio, o iniciador do movimento, Antero da Veiga, Raul Lino, a reprodução de dois quadros de José Campos (*A caminho* e *Os Mosteiros de Santa Clara*, Coimbra), dois projectos de casas portuguesas da autoria de Raul Lino e o retrato de *António de Monforte* pseudónimo literário do vate de *A Epopéia da Planície*.

O autor traça um panorama do estado em que se achava a literatura portuguesa «a tristeza contemporânea», para justificar — aliás com razão — o aparecimento do *neo-lusitanismo*, «primeiro a ressurreição integral das formas quinhentistas; depois, tomada de consciência do movimento, com a continuação do sentimento de raça, bebido ora nas contemplosões melancólicas de Bernardim e Cristóvão Falcão, ora na firmeza plástica de Sá de Miranda e Camões.»

A seguir cita António Nobre, o poeta do *Só*, Afonso Lopes Vieira, Eugénio de Castro, Teófilo Braga (*História da Literatura, Alma Portuguesa, Tradições Populares*), o Conde de Monsarás (*Musa Alentejana*), António Correia de Oliveira (*Tentações de Sam Frel Gil e Elogio dos Sentidos*), Teixeira de Pascoais e outros.

Detendo-se sobre a personalidade de António Sardinha escreve: «*António de Monforte, num elevado sentimento nacional, procura reconstituir o fundo psicológico da raça, buscando-o em motivos históricos, detalhes de paisagem, um costume antigo que enche uma evocação; e em cada um deles separadamente, vê, numa vasta projecção visual, toda a psicologia do povo português:*

*Contam pessoas graves, de idade,  
de alguns atalhos lendas funestas;  
— ladrões que a tiro matam um frade,  
e em postas lhe abrem sem caridade  
o corpo magro, sobre as giestas.  
.....  
..... em tempos maus a justiça  
lento cortejo d'alva seguia;  
a força e negro vulto espreguiça,  
e ouve-se a queixa grave e mortíça  
dos psalmos próprios só da agonia.  
.....*

O título do seu livro, em via de publicação, — Tronco reverdecido, claramente o indica. Do velho tronco lusitano, esquecido e envelhecido,



**António Sardinha**

Retrato publicado na revista *Serões*,  
n.º 51, Setembro de 1909



**António Sardinha, estudante de Direito  
na Universidade de Coimbra**

Retrato publicado na revista *Serões*,  
n.º 59, de Maio de 1910

*cuida ver, numa primavera de hoje, despontar novas ramas, cheinhas de selva, como caule antigo, perdido numa encosta, que soltasse um ramo novo e forte, enchendo-a de vida e sombra.*

*O seu primeiro soneto:*

#### Pórtico

*Era uma vez um tronco exausto em guerra  
com a braveza adusta do montado,  
que p'ra vingar no estéril chão que o encerra  
anos sem tacto tinha ali teimado.*

*Vencida a condição ruim da terra,  
mal a raiz em torno achara agrado,  
logo por entre estevas mais se aferra  
no campo que ela sente já dourado.*

*Vergôntea humilde, agora alfim erguida  
viu-se a poder de tempos quase seca,  
depois de quanto esforço fez p'la vida.*

*Mas só de se alembiar que fora um dia  
o enternecido exemplo da charneca,  
de novo a seiva aos braços lhe acudia.*

*Na Fala do Poeta, o poeta dirige-se à terra; e como o Antheu da fábula na luta com Júpiter, que ao contacto com a terra tirava toda a força, assim communicando com ela, lhe arranca toda a seiva que enche o seu livro. N' O Arauto, — o arauto, em grande cerimoniaal antigo, no ritual do velho estilo, lança o seu pregão, em gesto largo, na confiança de si mesmo; e val dizendo:*

*Ouvi-o todos vós, raça de heróis,  
e da intima ousadia que 'inda sois,  
largai frotas de novo à roxa aurora.*

*Talvez que a pobre pátria agonisante,  
revendo-se entre as águas do Levante  
ressurja em si o Portugal de outr'ora.*

*Vejamos agora o seu mecanismo psicológico, surpreendido em páginas desse livro. António de Monforte começa pela visão de aspectos históricos externos, que incarna e procura viver, tirando daí a emoção, (Noite de Tânger, Ormuz). A impressão é ainda reflectida do exterior; e é essa impressão, projectada do exterior, que acorda no mundo interior o senti-*

*mento da raça, indefinidamente manifestado numa vaga aspiração (Triste fado). Esse sentimento vago vai-se definindo, particularizando-se na observação regional, como no soneto «Amor da terra» que é antes uma conclusão do anteriormente citado. Tal estado de espírito observa-se curiosamente na poesia «Natal», — característica nota do lar, mais que português — regional, a que o poeta aspira, onde possa trabalhar na paz da família, enquanto os filhos crescem e a terra frutifica na colheita de cada ano. Um lar simples, com um parreiral à porta, uma nora que geme pelas tardes de Junho, e a água correndo na faina da rega... Nesta poesia vai o poeta vivendo o seu sonho, na paz dos seus, junto ao fogão, na noite tradicional do Norte, enquanto a chuva, caindo lá fora, lhe vai acordando a ânsia de realizar a sua aspiração:*

*Maré de sonho, se ela espraia a vaga,  
de ópio mortal me inunda as tristes veias...*

*Dentro do aspecto regionalista há o aspecto externo ou visual (Terra do Sul, Canícula), e o aspecto interno ou emotivo (Amor da terra, Caminhos velhos).*

*O solo, a preocupação da terra, é para o poeta a síntese da ideia nacional. No soneto «Aos Mortos d'Oliveira», a piedade do poeta, no cortejo das suas visões, fala àqueles portugueses doutrora, que descansam em terra que já foi nossa, sob as lajes sombrias onde outra gente caminha:*

*E se no seio a pátria abriu rendida  
final repouso à vossa humana lida,  
depois de quantos feitos de epopeia,  
  
quando chegar o grande julgamento  
e der de novo a alma ao corpo alento,  
acordareis com pasmo em terra alheia.*

*Todas as poesias que se bordam em torno da ânsia geral da vida sobre aspectos regionais, conduzem-no a conclusões mais largas nas poesias «Às Virgens», «Elegia dos Estéreis», «Águas-correntes»; é por meio da paisagem nacional, que o poeta sente (Piteiras, Sagrada Paixão), humanizando-a, que dilata os seus horizontes, tornando-os mais vastos, e abrindo-os para concepções universais.*

*Antônio de Monforte, — que no prólogo do livro parte da reconstituição saudosa do seu lar de infância —, lança o último brado num apelo para a Acção para a Unidade, onde a dispersão egoísta só viva*

na lembrança para tirar dela toda a seiva e todo o vigor duma nova floração.

*Manifestada na última parte do livro o alargamento desta claríssima e profunda concepção literária, elevada ao máximo neste claro poeta, seja-me dado concluir que no seu novo poema em preparação — Juízo Final — a aspiração messiânica da raça se definirá sobre um aspecto totalmente novo, sofrendo uma tendência universalista, — como mais larga expansão do tronco que se ramificou e quer abranger toda a floresta.»*

\* \* \*

A segunda das fotografias, em forma de medalhão, ilustrava uma local do n.º 59, de Maio de 1910, da secção «Ecos e Reflexos», a pág. 392:

### António de Monforte

*«A maior e a mais justa homenagem que podemos render ao novo livro de versos de António de Monforte, é transcrever do seu belo, sugestivo, de quando em quando humorístico e sempre português Tronco reverdecido, um dos seus sonetos, respigado ao acaso, porque verdade verdade, e sem lisonja, se fossemos a escolher transcreveríamos o livro todo.*

#### Festas de Verão

*Não há vilória aí p'la redondeza  
que não festeje agora a padroeira  
nessa sincera terra portuguesa  
de quem do Céu alcança quanto queira.*

*A filarmónica estrondeia, acesa,  
Nossa Senhora corre a vila inteira  
e a todos se anuncia com firmeza  
o homem dos foguetes na dianteira.*

*Fogo, Arraial, Tourada, «À unha! À unha!»  
— Eu sou, se for preciso, testemunha  
do bem que se houve em tudo a mordomia...*

*De novo a música ressoa: — ufano,  
recebe a vara o que é juiz p'ra o ano  
e logo em mil projectos principia.*

*A edição, da Livraria Clássica Editora, honra esse importante estabelecimento.»*

## VIII

**António de Monforte**

por *Luis Bamond*

Em dois verbetes depara-se-me um soneto do poeta Luis Bamond, que copiei de *Meu Alentejo*, publicado na Índia Portuguesa, em 1939. Com este magnífico poema fecho estas recordações, pobres achegas para a biografia do inolvidável pensador, poeta e ensaísta, desse ilustre Português de lei, que foi ANTÓNIO SARDINHA.

**António de Monforte**

À saudosa memória do nosso grande Mestre António Sardinha, poeta mimosíssimo, apóstolo do nacionalismo e um dos maiores valores da nossa época e da nossa Raça.

Eras tão forte, António de Monforte  
Poeta enamorado dos cantares,  
Que aniquilaste a dura lei da Morte  
Na forma dos teus versos lapidares.

Cantaste o Pelicano e a Raça forte  
Que desvendou e percorreu os Mares.  
Da nossa geração tu és o Norte,  
E a voz do teu comando anda nos ares.

Contavas ver teu Portugal liberto,  
No dia em que voltasse o Encoberto,  
Quando raiasse outra manhã de Ourique.

Que o teu exemplo seja o nosso guia  
E sobre a tua cinza quase fria  
A nossa geração se santifique.

# ÍNDICE

	Pág.
Exórdio e dedicatória . . . . .	5
Capítulo I — Notas íntimas . . . . .	6
> II — Homenagem da Câmara Municipal de Elvas . . . . .	8
> III — Um apontamento político . . . . .	22
> IV — António Sardinha polemista (Integralismo Lusitano) . . . . .	23
> V — « A Epopeia da Planície » . . . . .	45
> VI — António Sardinha colaborador da Imprensa elvense. . . . .	46
<b>a) Prosa; b) Poesia</b>	
> VII — Dois retratos de António Sardinha. . . . .	57
> VIII — « António de Monforte », Soneto de Luis Bamond . . . . .	64
<b>Gravuras</b>	
N.º 1 — Entrada da Quinta do Bispo . . . . .	13
N.º 2 — O bonito exterior da residência da Quinta do Bispo . . . . .	14
N.º 3 — O escritório do Dr. António Sardinha, vendo-se a mesa onde o ilustre pensador escrevia. Tudo se conserva como em 1925, quando o Mestre faleceu . . . . .	19
N.º 4 — Um grupo histórico. . . . .	35
N.º 5 — António Sardinha, <i>Serões</i> , de 1909 . . . . .	59
N.º 6 — António Sardinha, <i>Serões</i> , de 1910 . . . . .	60

